

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA**

CARLOS AUGUSTO LESSA RANGEL

**DESCRIÇÃO DE ESTRUTURAS DO TIPO *DAR N₁ em N₂* PARA O
PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL**

**VITÓRIA
2012**

CARLOS AUGUSTO LESSA RANGEL

**DESCRIÇÃO DE ESTRUTURAS DO TIPO *DAR N₁*
em N₂ PARA O PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO
DE LINGUAGEM NATURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística, na área de Estudos Analítico-Descritivos da Linguagem.

Orientadores: Prof.^a Dr.^a Aucione Smarsaro e Dr. Éric Laporte – PPGEL – UFES.

VITÓRIA

2012

CARLOS AUGUSTO LESSA RANGEL

**DESCRIÇÃO DE ESTRUTURAS DO TIPO *DAR N₁ em N₂* PARA O
PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO DE LINGUAGEM NATURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística, na área de Estudos Analítico-descritivos da Linguagem.

Aprovada em ____ de _____ de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Aucione Smarsaro
Coorientador - Prof. Dr. Eric Laporte

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, o meu Pai eterno, que me concedeu vida, saúde e a oportunidade de realizar esse projeto, e com isso a possibilidade de superar limites. Obrigado!

Dedico também a minha esposa Denise e aos meus filhos Victor e Gabriela pelo apoio, carinho e compreensão, vocês são preciosos.

Aos meus pais, em especial a minha mãe que em tudo me apoiou.

Aos meus orientadores Prof.^a Aucione Smarsaro que com sua paciência aceitou o desafio de me orientar e ao Prof. Eric Laporte que com sua experiência e conhecimento oportunizou discutir aspectos extremamente relevante nesse trabalho.

“O temor do Senhor é o princípio da sabedoria.”
Provérbios 1:7.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO	74
TABELA 2 TABELA N1 SUBSTANTIVO	75
TABELA 3 MAIORES OCORRÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO	76
TABELA 4 LÉXICO-GRAMÁTICA	80-81

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Apresentação do tema	11
1.2 Justificativa	11
1.3 Objetivos	13
1.3.1 Objetivos específicos.....	13
1.4 <i>Corpus</i>	16
2 ABORDAGENS TEÓRICAS	18
2.1 Metodologia	20
2.2 A Composicionalidade.....	25
2.3 Modelos de sintaxe do verbo.....	26
2.3.1 O Verbo e sua função predicativa	28
2.3.2 O Verbo e a gramática de valências	28
2.3.3 O Verbo-suporte.....	30
2.3.4 O Verbo pleno	33
2.3.5 O Verbo na estrutura de expressão fixa	33
2.3.6 O Conceito de sujeito	35
3 CONCORDÂNCIA DO VERBO COM O N1	43
3.1 A Concordância em geral.....	43
3.2 A Hipótese inicial	45
3.3 O Verbo concorda com o sujeito	45
3.4 O sujeito impessoal	46
3.5 Problemas de aceitabilidade	48
3.6 A Hipercorreção	48
3.7 O Verbo no singular e o N ₁ plural.....	50
4 O SUJEITO DA CONSTRUÇÃO DAR N1 em N2	50
4.1 O Sujeito da construção é oculto.....	51
4.2 A Construção não tem sujeito	52
4.3 O Sujeito da construção é o N1.....	54
5 O CARÁTER LOCATIVO OU NÃO DO COMPLEMENTO N2	55

5.1 O Complemento com valor locativo nas gramáticas	58
6 CONCLUSÃO	67
7 REFERÊNCIAS.....	70
8 ANEXOS	75

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma descrição da construção sintática do tipo *dar N₁ em N₂* sem a presença de sujeito como, por exemplo, *deu mofo no armário*. Essa construção é analisada, a partir de critérios sintáticos formais, orientados pela teoria do Léxico-Gramática (GROSS, 1975), considerando suas propriedades sintático-semânticas e formalizando-as, para utilização no processamento automático da linguagem natural.

Palavras-chave: Descrição, construção sintática, Léxico-Gramática, PLN

ABSTRACT

This study presents a description of the construction of the syntactic type N1 to N2 without the presence of the subject as, for example, given in the closet mold. This construction is analyzed, from formal syntactic criteria, guided by the theory of Lexicon-Grammar (GROSS, 1975), considering its syntactic-semantic properties and formalizing them for use in the automatic processing of natural language.

Keywords: Description, syntactic construction, Lexicon-Grammar, PLN.

1- INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Esta pesquisa apresenta uma descrição da construção sintática do tipo *dar N₁ em N₂*, sem sujeito, a exemplo de *Deu formiga no bolo*, *Deu pane no computador*, *Deu confusão na festa* e *Deu temporal em Vitória*. Por essa razão temos como objetivo observar, analisar e descrever as relações que se estabelecem entre o verbo *dar* e os seus complementos N₁ e N₂ sem a presença de um sujeito.

A descrição dessa estrutura com relação aos elementos representados por N₁ (complemento direto) e N₂ (complemento indireto) chama à atenção pelo fato de que o N₂ pode ser um complemento essencial como nos exemplos *deu febre na menina*, *deu defeito na tv*, *deu espinha no rapaz* ou um complemento circunstancial como nos exemplos *deu ressaca no mar*; *deu temporal em Vitória* e *deu congestionamento na capital*.

Considerando essas observações, especialmente a natureza da relação de concordância do verbo e seus complementos como um fenômeno diferenciado daqueles descritos pelas gramáticas, bem como o grande número de ocorrências dessa estrutura em uso, atualmente, em nossa língua, temos razões que nos motivam a realizar um estudo descritivo sobre a estrutura ***dar N₁ em N₂***, sem sujeito e suas propriedades.

1.2 JUSTIFICATIVA

Inicialmente apresentamos alguns fatores que motivam o tratamento do tema. Como justificativa podemos destacar o fato de que a estrutura *dar N₁ em*

N_2 , sem um sujeito presente ou correferencial¹, está fora do protótipo das estruturas apresentadas nas gramáticas normativas do português do Brasil.

Não é o caso de orações sem sujeito que denotam fenômenos da natureza como *choveu, trovejou ontem, anoitece tarde, etc* nem de orações sem sujeito com os verbos haver, fazer, ser, empregados impessoalmente, conforme descreve ROCHA LIMA (2005, p. 236),

Também não se trata de orações com sujeito oculto - aquele que está implícito, isto é, quando não está expresso, mas se deduz do contexto, como nos exemplos: *Viajarei amanhã (eu); aplicaremos as provas excepcionalmente amanhã (nós); gosta de ir à escola (ela)*, como apresenta CEGALLA (1997, p. 296).

Nesse caso, apesar de o sujeito estar ausente, ele é correferencial a alguma entidade presente no contexto extralinguístico. Duas formas são correferenciais quando elas se referem à mesma entidade.

Observamos no uso dessa construção uma concordância atípica que, às vezes, se estabelece entre o verbo e o seu complemento (N_1) como nos exemplos abaixo:

(1) Na madrugada de ontem **deram temporais** e a cidade amanheceu alagada em diversos pontos. A chuva continuou, e agora esta garoando. (Disponível em: <<http://www.abaixodezero.com/viewtopic.php?f=63&t=3612&start=0>> Acesso em 17/04/2012)

(2) *Digamos que eu sou 'staff' do grupo. Não posso dançar, mas ajudava eles. Colocava o play, filmava apresentações, comprava refrigerante, essas coisas. Sim, avá. No passado. Pq deram brigas e uma pessoa me expulsou do grupo. UMA pessoa. Tudo bem.* (Disponível em: <<http://masoqeunemmesmowordpress.com/2010/07/10/wow/>> Acesso em: 17 abril 2012.).

¹Sujeito correferencial é aquele que, apesar de não estar presente na frase/oração pode ser facilmente identificado por meio de uma menção já feita anteriormente dentro de um contexto.

A relação que se estabelece entre o verbo e o complemento (N_1) parece ser atípica para os padrões da gramática do português brasileiro, visto que, originalmente e, de acordo com as regras de concordância verbal, numa oração, o verbo deve sempre concordar com o sujeito em número e pessoa. Nos poucos casos de oração sem sujeito, que estão previstos na gramática tradicional do português, não há nenhuma referência a esse tipo de concordância. Em vista disso, consideramos necessário verificar qual a função que o complemento N_1 exerce nessa construção, por exemplo, em casos como *deu goteira no teto; deu abelha no jardim, deu briga no jogo*.

Outro aspecto a ser destacado a respeito dessa construção é que, ao realizarmos consultas informais a falantes nativos de outras línguas neolatinas, não conseguimos encontrar estruturas equivalentes, com exceção do espanhol (informação verbal dada por um falante nativo do espanhol radicado há muito tempo no Brasil). Observamos ainda que essas expressões são utilizadas em larga escala na oralidade.

Soma-se aos argumentos apresentados a ausência de um estudo sobre essa estrutura pelas gramáticas tradicionais e a necessidade de um estudo descritivo que mostre as propriedades dessa construção, pois trata-se de uma construção impessoal cuja origem não se pode definir com exatidão.

Consideramos as razões apresentadas dados suficientes para justificar e motivar o estudo descritivo que alvejamos.

1.3 OBJETIVOS

Esta pesquisa tem como objetivo geral realizar um estudo descritivo das relações que se estabelecem entre o verbo **dar** e o seus complementos N_1 e N_2 . Primeiro analisamos as relações de concordância com N_1 e a função exercida por N_2 , pois dependendo do exemplo, o N_2 pode ser um complemento essencial ou circunstancial.

1.3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Com relação aos objetivos específicos, destacamos:

- a) considerar as propriedades distribucionais e as variações lexicais e semânticas de N_1 e N_2 na construção *dar N_1 em N_2* ;
- b) analisar o comportamento da construção *dar N_1 em N_2* , diante da substituição dos seus constituintes;
- c) criar/estabelecer classes semânticas homogêneas para melhor descrição e observação das propriedades;
- d) analisar a relação que se estabelece entre o verbo e o seu complemento N_1 ;
- e) avaliar o caráter locativo ou não do complemento verbal N_2 ;
- f) investigar o comportamento nas diversas situações de uso.

Para a análise, são utilizados exemplos de estruturas selecionadas tanto na modalidade oral quanto na escrita. A descrição das propriedades estruturais é feita a partir da aplicação de critérios sintáticos formais, considerando-se os aspectos distribucionais e transformacionais, levando-se em conta:

- as classes semânticas homogêneas, substituindo o item lexical N_1 na oração,
- as relações de concordância que se estabelecem entre o verbo e o seu complemento N_1
- o caráter locativo ou não do complemento verbal N_2 , utilizando critérios.
- a preposição que antecede o N_2 na construção, substituída por outras preposições ou locuções prepositivas (*em cima de, embaixo de, etc.*) para comprovar o caráter locativo do N_2 nessa estrutura.

A partir do resultado da aplicação desses critérios, apresentamos uma tabela, contendo uma lista de exemplos com a construção *dar N_1 em N_2* , e uma codificação para representar a presença (+) ou ausência (-) das propriedades examinadas.

Essa tabela representa um recurso linguístico proposto pelo Léxico-Gramática, que pode ser utilizado no processamento automático de linguagem natural para fins computacionais.

Uma descrição linguística para ser utilizada no processamento automático de linguagem natural depende da codificação das unidades linguísticas nas modalidades oral/ escrita, nos seus vários níveis de uso. A partir do reconhecimento das estruturas, da apreensão do significado, da identificação das restrições gramaticais e das informações contextuais adicionais, por exemplo, no caso de ambiguidades.

Atualmente, a produção de informações se torna cada vez mais rápida e abundante e, conseqüentemente, amplia-se cada vez mais o uso do computador, da internet e de todos os seus recursos nas mais diversas áreas do conhecimento humano. Diante dessa dinâmica, surge a necessidade de desenvolvimento de ferramentas computacionais capazes de interagir com a linguagem, como na tradução automática de textos, correção ortográfica, entre outros. (LAPORTE, 2000; MUNIZ, 2003; QUENTAL, 2003).

Segundo Rodrigues (2009), para a realização dessas tarefas é necessária a construção de um ambiente computacional que faça a codificação e a decodificação da língua. Esse processo só se tornará possível, a partir da criação de um léxico computacional, ou seja, um banco de dados a ser utilizado automaticamente por esse ambiente, com o propósito de conter o detalhamento de uma descrição linguística (RANCHHOD, 1999; MUNIZ, 2004). Esse léxico é conceituado como dicionário eletrônico (MUNIZ, 2004; RANCHHOD, 2001; SMARSARO; 2004).

O processamento da linguagem natural viabiliza o desenvolvimento de ambientes computacionais que atendam às aplicações apresentadas, porém, para efetiva realização desse trabalho, temos a função do linguista que desempenha papel importante para o estudo e a descrição da língua. Com base nessa descrição, os informatas fazem uma aplicação mais precisa e desenvolvem uma tecnologia capaz de utilizar todos esses dados (BIDERMAN, 1978; JUSTESON, 1995; LAPORTE, 2001).

A maioria dos dicionários eletrônicos e tradutores existentes operam com foco na descrição morfológica, negligenciando os traços semânticos, chamados de operadores lógicos, que trabalham no processo de cognição. Nesse modelo de processamento, as palavras são analisadas de forma individual, não sendo consideradas em seu contexto. Atualmente essa é uma das falhas que geram uma tradução limitada e errônea: a ausência de algumas marcas linguísticas que podem ajudar na escolha da tradução mais adequada, que considera além da descrição morfológica, os contextos sintático-semântico-discursivo-pragmáticos (VALE 1998; SANTOS, 1999; SAETRE, 2003).

A interdisciplinaridade do processamento de linguagem natural ilustra o nível de complexidade normalmente requerido pelas abordagens desenvolvidas, as quais se utilizam de conceitos de inteligência artificial, teoria da computação, compiladores, linguística computacional e profundos conhecimentos de descrição de uma língua e de suas estruturas de léxico. De acordo com Vieira (2002, p.20) para o processamento da língua natural, vários subsistemas são necessários para dar conta dos diferentes aspectos da língua: sons, palavras, sentenças e discursos nos níveis estruturais de significado e de uso.

GROSS (1986) destaca a importância informacional da descrição dos itens lexicais para o PLN, pois, para que ocorra o desenvolvimento de aplicações mais elaboradas em linguagem de processamento, será necessária uma grande cobertura informacional das palavras descritas.

Considerando que apresentamos uma descrição sintático-semântica da construção *Dar N₁ em N₂*, estamos convergindo com a observação de Gross. Essa pesquisa, portanto, pode contribuir para aplicações computacionais que lidam com o processamento automático de linguagem natural.

1.4 CORPUS

Para compor o *corpus* desta pesquisa, foram utilizadas estruturas do tipo **dar N₁ em N₂**, extraídas de textos escritos e orais, através da ferramenta de busca na internet, Google, para localizar exemplos de uso e recorreremos também a exemplos com base na competência linguística do falante nativo².

Para o levantamento do *corpus* na internet, visando manter a qualidade das amostras, foram eliminados da busca os sites traduzidos e também os que tinham como origem o português europeu, por falhas de sentido na tradução de uma palavra de uma língua para outra e por conta da diversidade de sentido entre palavras do português brasileiro e do português europeu.

De acordo com BERBER SARDINHA (2000), por meio de *corpus*, podem-se observar aspectos morfológicos, morfossintáticos, sintáticos, semânticos, discursivos, dentre outros. Pode-se, ainda, explicar a produtividade e o emprego de palavras, expressões e formas gramaticais. A partir da análise de *corpus*, é possível descobrir e descrever fenômenos linguísticos em uso na língua, ampliando e renovando a descrição do léxico do português.

De acordo com a teoria do Léxico-gramática, o método experimental deve ser utilizado para o levantamento das ocorrências de usos. Segundo Laporte (2008, p.28), esse processo consiste em emitir uma hipótese linguística e forjar exemplos para ter a verificação das hipóteses, fazendo variar sistemática e independentemente os parâmetros relevantes, e submeter essas formas a julgamentos introspectivos de aceitabilidade e deduzir regras.

Além desse método, utilizou-se também o observacional, definido pelo mesmo autor como “a observação de formas num *corpus* preexistente e, em seguida, a formulação de generalizações”. É pertinente lembrar que os dois métodos se complementam na análise. O conjunto de exemplos coletados está disponível numa lista compondo os anexos desta pesquisa.

² Segundo a teoria do Léxico-Gramática, o falante possui a competência linguística para avaliar uma frase quanto à sua aceitabilidade (Gross, 1975)

2- ABORDAGENS TEÓRICAS

Esta pesquisa busca respaldo teórico e metodológico na Teoria do Léxico-Gramática (Gross, 1975, 1981, 1994) que tem como objetivo apresentar uma descrição da sintaxe e da semântica das línguas quer em casos de fenômenos regulares, quer em casos de fenômenos irregulares, por meio da aplicação de critérios sintático formais, considerando-se a gramática de cada língua e o julgamento de aceitabilidade por falantes nativos, tendo por base o uso da língua.

De acordo com Laporte (2008), a base teórica para o desenvolvimento do Léxico-Gramática é a Teoria da Gramática Transformacional, de Harris (1964, 1976), que tem no julgamento de aceitabilidade das frases a fonte básica para o conhecimento linguístico.

O alvo da observação sintática são os períodos ou frases, de forma prioritária em comparação com as orações. Um período ou uma frase é uma sequência gramatical que consiste em uma ou várias palavras que têm mínimo relacionamento sintático com as palavras anteriores ou posteriores. Há, entretanto, autores que chamam de oração o que acabamos de conceituar como frase (IGNÁCIO, 2001, p. 30).

A opção metodológica de dar prioridade ao período é explicada por várias razões. Em primeiro lugar, a segmentação de um texto em períodos é uma operação mais elementar do que a delimitação das orações, que pressupõe um conhecimento prévio da sintaxe do período. Em segundo lugar, o julgamento de aceitabilidade é aplicável a qualquer período, mas não a qualquer oração: por exemplo, *João esteja pronto* não é percebido como um período aceitável, apesar de ser uma oração correta, quando inserido no período *Espero que João esteja pronto*. Em terceiro lugar, é geralmente possível relacionar toda oração com um período simples mediante transformações sintáticas.

Nesse modelo, o objeto central da sintaxe são as relações entre as frases, sendo que a descrição das variações de uma frase está baseada na

noção de transformações que podem ocorrer com a introdução de um apassivador, pronominalizações, dentre outros. As transformações sintáticas são sempre regras produtivas de combinação de palavras. Nesse modelo, existem dois tipos principais de transformações:

- As unárias: estabelecem uma relação de sentido entre as frases conservando o sentido ou mostrando a diferença lexical. Como exemplos, temos a apassivação e a pronominalização;
- As binárias: como a coordenação e a subordinação de frases, que combinam duas estruturas em outra.

O termo 'transformacional' usado nesta pesquisa nada tem a ver com a gramática gerativa (transformacional), conforme comenta Vale:

A teoria do Léxico-Gramática é uma descendente direta da teoria transformacional de Zellig S. Harris. Embora a palavra "transformacional" possa evocar, em geral, a Gramática Gerativa - que, em algumas de suas várias formulações, foi chamada de Gramática Gerativa Transformacional -, a abordagem de Maurice Gross é bem diversa. Com efeito, a abordagem do Léxico-Gramática é, antes de mais nada, um procedimento empírico. Maurice Gross critica na Gramática Gerativa o seu caráter especulativo: os seguidores de Chomsky raramente fazem apelo a dados reais. Vale (2001 p.68-69)

A respeito da crítica de Gross sobre a Gramática Gerativa temos:

[...] a gramática gerativa opõe a construção de modelos lógico-informático-matemáticos a uma abordagem descritiva, qualificada de procedimental. Vê-se assim serem construídos inúmeros modelos dotados de intenção de poderes preditivos e explicativos, mas em realidade construídos a partir de observações empíricas muito limitadas: são considerados como fatos linguísticos apenas os fenômenos que permitem a confirmação ou o falseamento de um modelo existente. [...] Só se pode interpretar esse frenesi de construção de modelos como uma interpretação literal do célebre truismo 'a língua é um sistema onde tudo se encaixa'. Este 'axioma' parece legitimar o estudo de interações quaisquer entre fenômenos quaisquer, se é que fenômeno existe. A abordagem é tal que mesmo que os fatos sejam autênticos, eles são tomados ao acaso numa população de fenômenos cujo tamanho nunca foi estimado. (M.Gross, 1976, p.7-8)

Há uma grande diferença entre os dois modelos: o modelo gerativista em sua análise trata de uma estrutura abstrata chamada de estrutura profunda, e a transformação é uma relação entre uma estrutura profunda e uma estrutura observável. Já no modelo proposto por Harris, a transformação é uma relação entre as estruturas observadas.

Segundo Santos (apud SMARSARO, 2011, p.30), na Gramática Transformacional de Harris, o objeto central da sintaxe são as relações entre as frases. Essa gramática procura representar frases diretamente observáveis, capazes de serem julgadas como aceitáveis pelos falantes de uma língua.

Os princípios metodológicos que se desenvolveram em seguida por Gross (1981, 1994) também levaram em consideração as propriedades sintático-semânticas das frases num programa de descrição efetiva das línguas.

Nessa teoria, os resultados da descrição devem ser suficientemente formais para permitir uma verificação pela confrontação com a realidade do uso. Para alcançar sucesso com esse procedimento, geralmente, são necessárias informações de vários falantes da língua para validação da reprodutibilidade.

2.1 METODOLOGIA

O método de análise utilizado é o do Léxico-Gramática que trabalha com o uso de noções sintáticas no estudo da não-composicionalidade e da maioria das questões semânticas. Para Laporte (2008), a aplicação de critérios formais facilita a observação e aumenta a confiabilidade da observação e da descrição pelo fato de manusear formas explícitas.

Para Laporte (2008, p.4-5), a interação entre léxico e sintaxe é considerada como um elemento imprescindível. Para explorá-la, é necessário verificar para cada entrada lexical se possui as propriedades examinadas,

percorrendo sistematicamente as construções sintáticas observadas. Além disso, é preciso observar e analisar se as sequências geradas são aceitáveis e quais são as suas particularidades distribucionais e semânticas. Para ele, a qualidade dos resultados depende muito da capacidade linguística do pesquisador de julgar aceitável uma dada sequência. E, para se obter bons resultados no Léxico-gramática, é recomendável que o linguista aplique o método somente em sua língua materna.

No Léxico-Gramática e no processamento automático de linguagem natural se entende por construção sintática um conjunto de frases ou sintagmas, compartilhando propriedades sintáticas e geralmente semânticas e representáveis por uma fórmula que indica as possibilidades de variação, por exemplo, em *dar N₁ em N₂*, o símbolo *N₁* indica que numerosos nomes ou sintagmas nominais podem preencher a posição do complemento direto do verbo *dar*. Essa noção de construção sintática é próxima da noção de construção utilizada pela corrente teórica construcionista, porém essa não é a nossa opção teórica.

Para Borba (2007), os itens lexicais carregam potencialmente propriedades que podem ser também admitidas como capacidade/possibilidade e que se hierarquizam. As propriedades sintáticas são condição para descobrir as propriedades semânticas, sendo a pragmática a soma das duas situações em uso e as propriedades sintático-semânticas servem de base para classificar os itens lexicais.

A pesquisa exclusiva de regras de sintaxe geral, independentes do material lexical que utilizam, pode gerar um impasse. Inversamente, a descrição do vocabulário de uma língua é vista como o estudo das maneiras como cada elemento lexical insere-se nas frases. A unidade mínima tomada como contexto para a descrição de uma palavra é a frase elementar, pois nela as palavras são interpretadas de maneira precisa quanto ao seu sentido. Maurice Gross chama de frase elementar, ou frase mínima (em francês, *phrase élémentaire*, *phrase minimale*; em inglês, *elementary sentence*, *minimal sentence*), um período simples, ou um período composto no qual a presença

de uma oração adicional à oração principal é necessária à descrição do predicado principal. Por exemplo, para descrever a construção de base do verbo esperar, é importante mencionar a possibilidade de uma oração completiva, como em *Maria espera que o João esteja pronto*.

Esta dissertação está baseada no modelo de pesquisa qualitativa em que, as ocorrências da estrutura **dar N1 em N2** são analisadas, quanto aos seus aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos, considerando a seleção de um *corpus* constituído de 40 exemplos com a estrutura **dar N₁ em N₂**. Os exemplos do *corpus* foram classificados conforme o número gramatical do verbo e do complemento: verbo singular com complemento plural; verbo plural com complemento plural, etc., buscando facilitar a procura de exemplos relevantes. As propriedades sintático-semânticas são analisadas por meio de critérios sintáticos formais, levando-se em conta o julgamento de aceitabilidade por falantes nativos.

Na análise das estruturas, considera-se:

- a) as restrições e as limitações quanto à sua utilização;
- b) a possibilidade de aplicar critérios que possam identificar o verbo *dar* como verbo suporte;
- c) o estudo das relações de concordância verbal com o complemento direto **N₁**.

Os exemplos das estruturas analisadas na pesquisa pertencem ao uso, em situações frequentes da língua portuguesa no Brasil. Isso é verificado pelo fato de serem considerados aceitáveis, a partir da intuição linguística do falante nativo. Os exemplos que são construídos artificialmente também são julgados, a partir de nossa intuição como falantes da língua. Do conjunto de exemplos que constitui o *corpus*, alguns foram retirados de fragmentos de textos do português brasileiro, encontrados por meio de ferramentas de busca em páginas eletrônicas da internet como o Google.

Os termos “construção sintática” e “estrutura” serão utilizados para fazer referência a *Dar N₁ em N₂*. São utilizados também elementos para sinalizar /indicar o grau de aceitabilidade das frases com base nos procedimentos metodológicos do Léxico-Gramática, conforme a seguir:

(*) utilizado para estruturas inaceitáveis.

(?) aceitável apesar de dúvidas.

(*?) inaceitável apesar de dúvidas.

Na formulação das construções, utilizamos algumas convenções que merecem ser explicitadas, como a seguir:

SN= sintagma nominal

SPrep= sintagma preposicionado

SAdj= sintagma adjetival

V= verbo

VSup= verbo suporte

Prep= preposição

Loc= locativo

N₁ = complemento direto do verbo

N₂= complemento indireto do verbo

Existem outros termos e noções que compõem esse estudo e que precisam ser apresentados com clareza, para a melhor compreensão do leitor. Ao tratarmos de gramática, é preciso esclarecer que há várias acepções para esse termo, portanto vamos definir nesse estudo algumas delas. Quando tratamos da gramática tradicional ou normativa, fazemos referência a um conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada (Houaiss, 2009). É um tratado descritivo-normativo da morfologia e da sintaxe de uma língua e está baseada na escrita.

O Uso da palavra *gramática* pode fazer referência à *gramática internalizada* que é o modelo da competência linguística do falante nativo; pode também ser entendido como o conjunto de regras que o falante nativo de uma

língua domina; e o conhecimento lexical, sintático-semântico que o falante possui e que o permite entender e produzir frases em sua língua.

Há também o modelo de descrição gramatical baseado na fala, o qual podemos citar como exemplo o estudo da *Norma Linguística Urbana Culta no Brasil* (Projeto NURC), que teve início em 1969 e que se desenvolveu em cinco cidades brasileiras — Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O seu objetivo é descrever os padrões reais de uso da língua na comunicação oral, adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior e, com isso, contribuir para a produção de um atlas linguístico do Brasil. As informações sobre esse projeto, estão disponíveis no site: <[http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/ MetodologiaGeral](http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/MetodologiaGeral)>.

Acrescentamos a esse conjunto de noções, a de objeto, que aqui é uma referência aos complementos verbais. Esses complementos podem ligar-se ao verbo através de uma preposição ou não. Quando há necessidade de preposição, o complemento verbal é chamado de objeto indireto; quando ela não é necessária, o complemento verbal é chamado de objeto direto. Por exemplo, o complemento *Maria* é indireto em *João votou em Maria*, enquanto que o complemento *Maria* é direto em *Os cidadãos elegeram Maria*. Esse uso de 'complemento indireto' e 'objeto indireto' não condiz com a definição de Rocha Lima (2005), já que *João votou em Maria* não pronominaliza na forma de **João lhe votou*. Porém, condiz com a terminologia linguística comumente utilizada para todos os idiomas nos quais os substantivos não têm casos gramaticais marcados.

E ainda, há alguns verbos que podem aceitar ao mesmo tempo um objeto direto e outro indireto na mesma frase elementar, são os chamados verbos bitransitivos. E também temos a ocorrência da adição de uma preposição ao objeto direto que é chamado de objeto direto preposicionado. Conforme os exemplos abaixo:

(4) *Assisto a todos os campeonatos. (objeto indireto)*

(5) *Amo futebol. (objeto direto)*

(6) *Prefiro futebol à natação. (objeto direto e indireto ou bitransitivo)*

(7) *Estimo aos meus colegas. (objeto preposicionado)*

Os exemplos das estruturas serão apresentados em ordem numérica e as respectivas referências seguirão o mesmo critério. Para a análise e descrição das propriedades estruturais das construções, levamos em consideração os seguintes passos:

- selecionar as estruturas;
- classificar as realizações presentes no *corpus* como pleno, suporte, ou expressão fixa;
- verificar se o complemento N₂ é locativo ou não;
- analisar relações de concordância verbal;

As observações são feitas, considerando-se os aspectos sintático-semânticos, com a aplicação de testes formais.

2.2. A COMPOSICIONALIDADE

A composicionalidade é um critério de análise muito importante na Teoria do Léxico-Gramática, pois, por meio dela, é possível observar como cada elemento lexical se comporta, sendo utilizado em contextos frasais diferentes. Desse modo, para se avaliar o grau de fixidez de uma expressão, é necessário observar em enunciados se os componentes mantêm o seu sentido original.

Os exemplos abaixo apresentam a mudança de sentido do elemento lexical *zebra* na expressão ***deu zebra no jogo***:

(8) *Deu zebra no jogo final da Eurocopa.*

(9) *A zebra do campeonato foi eliminada.*

(10) *A zebra do zoológico foi sacrificada.*

(11) *A zebra que era a mascote do time fugiu.*

(12) *A zebra foi o presente para o time.*

Os exemplos de (8 a 12) evidenciam que, quando são inseridos em qualquer outro contexto, o elemento *zebra* da expressão fixa ***deu zebra no jogo*** perde o seu sentido original, pois, de acordo com o contexto, passa a admitir outra possibilidade de interpretação.

2.3- MODELOS DA SINTAXE DO VERBO

O verbo, segundo Câmara Junior (1986, p. 239), é uma classe de palavras que indica os processos de ação, estado ou mudança de um estado. A sua significação é essencialmente dinâmica, refere-se aos movimentos em seu sentido amplo. Outra característica que possui é a de que traz em si a ideia temporal, ou seja, a duração ou o resultado do processo, sendo percebido nos traços de aspecto e tempo. Possui formas nominais, está sujeito à flexão, desenvolvendo-se em conjuntos flexionais chamados conjugações.

Segundo Houaiss (2009), o verbo é uma classe de palavras que, do ponto de vista semântico, contém as noções de ação, processo ou estado, e, do ponto de vista sintático, exerce a função de núcleo do predicado das sentenças.

Nas línguas flexionais e aglutinantes, o verbo é a palavra que pertence a um paradigma cujas flexões indicam algumas categorias, como o *tempo* (que localiza ação, processo ou estado em relação ao momento da fala); a *pessoa* (indica-se o sujeito gramatical é o emissor, ou o destinatário, ou nenhum dos dois); o *número* (indica se o sujeito gramatical é singular ou plural); o *modo* (indica a atitude do emissor, quanto ao fato por ele enunciado, que pode ser de certeza, dúvida, temor, desejo, ordem etc.); a *voz* (indica se a construção é ativa ou passiva), e o *aspecto* (fornece detalhes a respeito do modo de ser da ação, se é unitária, momentânea, prolongada, habitual etc.).

Para esses autores, o verbo é o elemento nuclear da oração e por essa importância, faz-se necessário um estudo de sua atuação no contexto frasal, para uma melhor compreensão sobre o tema. Faremos aqui, um breve

levantamento sobre como a Gramática Tradicional e alguns autores o apresentam, bem como sua função e suas características.

Perini (2010, p.115) afirma que o verbo é a mais homogênea e, ao mesmo tempo, a mais distinta das classes de palavras, porém acrescenta que as subclasses dos verbos são pouco conhecidas e a sua semântica e a sua distribuição dependem de um maior conhecimento dessas subclasses.

Segundo Perini (2010 apud DANTAS, 2011), o verbo é considerado a chave para a sintaxe do português, visto que, quando conhecido o verbo de uma oração, bem como seus complementos e significado, pode-se determinar grande parte da estrutura das orações em que ele é protagonista. Para o mesmo autor, sabendo que o verbo pode ocorrer em situações distintas e ter complementos diferentes, é importante que ele seja analisado, a partir de sua forma mínima, no contexto da oração. Cada verbo possui um conjunto delimitado de construções nas quais pode ocorrer e que se denomina valência verbal.

Faraco & Moura (2004, p.222) trazem, em sua gramática, a definição de que “verbo é a palavra que expressa os fatos: ação, estado, mudança de estado e fenômeno natural, situando essas ocorrências no tempo.”.

Segundo Bechara (2002, p.194), “entende-se por verbo a unidade que significa ação ou processo e que está organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número.”.

Os conceitos formulados pelos diferentes autores apresentam algumas das características e a funcionalidade dessa classe de palavras. A apresentação desse tema na gramática tradicional tem o seu foco apenas no aspecto estrutural, deixando de aprofundar e debater outros aspectos pertinentes ao verbo, como a semântica, a composicionalidade, o comportamento de verbo-suporte e outros. Discutir esses aspectos presentes no léxico é de extrema importância para o conhecimento da língua.

2.3.1 O VERBO E SUA FUNÇÃO PREDICATIVA

Sobre o verbo e a sua função predicativa, citamos Borba (1996, p.13) que diz:

[...] se a atividade verbal pressupõe objetivos centrados num núcleo comunicativo (predicado), então falar é predicar. Sendo assim, o predicado é o centro da organização oracional. Dada uma sequência, procurar-se-á primeiro a unidade ou a classe paradigmática que preenche as funções do predicado. A partir daí, identifica-se o número de casas vazias que comporta a unidade na função do predicado. Tomando emprestado o termo a lógica, vou chamar argumento a cada um dessas casas. Em resumo, o predicado é uma função e os termos que dele dependem são suas variáveis”.

O ato comunicativo pode estar concentrado numa simples predicação como em *chove, neva*. O papel desempenhado pelo predicado e a sua conexão com os argumentos, pressupõe que se tome a oração como unidade ou ponto de partida da análise.

2.3.2 O VERBO E A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS

Borba (1996, p. 46), para definir as valências, parte do verbo como a referência inicial. Para ele, essa classe de palavra é possuidora de um conjunto de características morfológicas que a colocam em destaque numa sequência; é uma base de categorias de tempo, modo, número, pessoa e de propriedades sintático-semânticas.

O objetivo principal das valências é observar e determinar o comportamento do verbo na oração. As valências podem ser divididas em: valência quantitativa que é o número de argumentos do verbo que no português comporta a quantidade de zero a quatro argumentos.³; valência sintática identificando as classes (nomes, advérbios, preposição, etc.) que se referem aos argumentos; e a valência semântica que são as propriedades

3-Segundo Borba (1996, p. 47) do ponto de vista quantitativo, o verbo dar é classificado como trivalente, isto é, exige três argumentos.

semânticas dos argumentos e sua subcategorização em traços (como + movimento, - movimento, + animado e – animado).

Segundo Borba (1996, pg. 18-24), uma gramática de valências se constrói a partir da observação de que itens lexicais da língua têm valor absoluto ou relativo. Absoluto quando são semanticamente autossuficientes, sem necessidade de vinculação a outro termo, como em *pedra* e relativos quando são incompletos, sendo necessário ligar-se a outros termos para se realizarem semanticamente como, por exemplo, em *obediência*.

O autor chama também de valência o número de casas vazias (ou argumentos) relacionados pelo significado de um item lexical. As primeiras ideias de valência são propostas por Tesnière (1965), segundo ele, o verbo é o núcleo da oração que é capaz de atrair um certo número de actantes para si e os mantém sob sua dependência semântica. Essa quantidade de actantes que o verbo pode reger representa a sua valência. Cada verbo possui um número limitado de constituintes que se relacionam com o núcleo verbal. Borba estabelece um modelo gramatical de valências que apresenta as seguintes características:

- É uma gramática de frase, que toma o verbo como ponto de partida e analisa os constituintes oracionais seguindo uma marcha descendente.
- Utiliza uma classificação funcional que permite perceber a função sintática na diversidade de realizações morfológicas, e distingue os constituintes de função primária, que são obrigatórios, dos constituintes de função secundária.
- Compete a essa gramática: 1 - identificar e inventariar as funções sintáticas possíveis; 2- determinar a combinatória dessas funções; 3- descrever um conjunto de SN's, típicos da língua; 4- estabelecer os paradigmas das funções sintáticas valenciais.

Segundo Borba (1996, p.30), os valores semânticos são descritos com a seguinte nomenclatura: agentivo, experimentador, beneficiário, objetivo, locativo, instrumental, causativo, meta, origem, resultativo, temporal e comitativo.

2.3.3 O VERBO-SUPORTE

Segundo Athayde (2001, apud Davel, 2009, p.9), o termo verbo-suporte vem do francês. Essa designação foi proposta pelo L.A.D.L. (*Laboratoire d'Automatique Documentaire et Linguistique da Universidade Paris VII*), no âmbito dos estudos orientados pelo Léxico-Gramática, de Maurice Gross. Desde a década de 70, as construções com esses verbos vêm sendo objeto de estudo. No português brasileiro, esse estudo vem sendo abordado por autores como Borba (1996), Neves (1996, 1999, 2002), Scherre (2004).

Segundo Houaiss (2009), quando o verbo *'dar'* exerce a função de verbo-suporte, constitui com o substantivo um todo semântico como em:

(13) *Dar um abraço = abraçar.*

(14) *Dar um empurrão = empurrar.*

A sua função pendula entre a de um elemento de semântica quase vazia e a de um verbo não exatamente pleno, mas portador de certo valor semântico maior ou menor, conforme o caso. O seu sentido é estabelecido de acordo com os substantivos que com ele ocorrem na posição de objeto. Segundo Houaiss (2009), quando o verbo *'dar'* é verbo-suporte, o chamado objeto direto não funciona como argumento, tendo, na verdade, a natureza de um predicado, orientando o evento e classificando ou identificando o referente. Como em:

(15) *Dar aula na faculdade.*

(16) *Dar uma topada na pedra.*

Neves (2000, p. 54) caracteriza as construções com verbo-suporte como compostas de:

- Um verbo com determinada natureza semântica básica que funciona como elemento morfológico e sintático na construção do predicado;
- Um sintagma nominal que entra em composição como verbo para configurar o sentido do todo, bem como para determinar os papéis temáticos da predicação.
- Essa caracterização dá margem a um conjunto de construções, mais próximas ou mais distantes das construções propostas como prototípicas⁴. A indicação básica é prototipicamente, que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não referencial, de modo que o complemento típico de verbos-suporte traz um substantivo sem determinante. (NEVES, 2000, p. 54)

Podemos definir verbo-suporte como aquele que é possuidor de um conteúdo semântico tênue ou quase nulo e que mantém suas propriedades gramaticais de flexão e de concordância. O nome que o acompanha, por sua vez, deixa de funcionar como objeto direto, passa a particularizar o significado e forma um predicado complexo, funcionando como predicante, orientando um evento ou classificando um referente.

Para Neves (2000, p. 63), fica evidente um molde morfossintático bem definido em que os elementos básicos são um verbo leve e um nome abstrato com responsabilidade na determinação dos papéis semânticos dos argumentos, os quais permanecem abertos a um preenchimento-variado.

(João + O pai) deu um abraço (no menino + na mãe)

A diferença dessa construção entre se comportando como verbo suporte e como componente de uma expressão fixa pode ser observada em

*(João + O pai) deu o ar (da graça + *da felicidade).*

Nesse caso, ao contrário fica evidente um molde morfossintático bem definido em que os elementos básicos são um verbo e um nome abstrato que não permanecem abertos a um preenchimento-variado.

A construção com verbo-suporte aceita adjuntos que não seriam possíveis com verbos plenos, pois o verbo-suporte requer um complemento em forma de SN e aceita adjuntos diferentes do SV como a seguir:

⁴ São construções que têm um verbo de natureza semântica básica e um nome que configura o sentido do todo.

(17) *João deu um abraço no menino.*

(18) *João deu um abraço carinhoso no menino.*

(19) **João abraçou carinhoso o menino.*

(20) *João abraçou carinhosamente o menino.*

Neves (2000, p. 54) aponta que a substituição de um verbo pleno por uma construção com verbo-suporte, permite uma maior versatilidade semântica, ou seja, é possível, com seu emprego, a inserção de um adjetivo ao lado de um nome complemento do verbo-suporte, ora qualificando-o (*tomar atitudes autoritárias*, em vez de *agir autoritariamente*), ora classificando-o (*dar a opinião pessoal*, em vez de *opinar pessoalmente*), entre outros efeitos. Para ela, algumas construções com verbo-suporte não têm um verbo simples em relação de paráfrase com a estrutura do verbo mais um sintagma nominal complemento (V+SN), por exemplo, em :

(21) ***Dá uma cotovelada em Chico.***

(22) ***O próximo que der um pontapé vai ser expulso.***

Com base na caracterização de Neves (2000, p.55) é possível afirmar que o verbo-suporte possui prototípicamente um complemento (SN) não referencial, trazendo como complemento um substantivo sem determinante como em:

(23) ***A alquimia deu origem à arte real.***

Já se essa estrutura tem como complemento um SN referencial, funcionará como um verbo pleno, como no caso de:

(24) ***A molecada dava as balas para as meninas.***

Neves (2000, p.53) afirma que o verbo-suporte, também chamado de funcional, geral, verbóide ou verbalizador, possui significado bastante esvaziado e forma com seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo na língua. A mesma

autora afirma ser o verbo uma palavra essencialmente complexa, pois, além de seus valores gramaticais, estabelece relações semânticas com outros elementos da oração e os critérios semânticos e sintáticos não dão conta completamente do valor nocional do verbo e de suas relações.

2.3.4 O VERBO PLENO

Segundo Borba (1996, p.98), os verbos plenos semanticamente têm significação lexical e sintática, ocupam o núcleo do predicado num sintagma verbal. Duarte (2003, p.296) define os verbos plenos a partir de um aspecto semântico, classificando-os como núcleos semânticos da oração:

Constituem núcleos lexicais plenos, caracterizados por determinadas propriedades de seleção semântica (números de argumentos e respectivo papel temático) e sintática (categoria de cada argumento e relação gramatical que assumem a oração). (DUARTE, 2003 p.296).

Como exemplos temos:

(25) Dar o livro a Maria.

(26) Deu os livros do pai.

(27) O médico deu o resultado dos exames.

(28) Maria deu a comida para o cachorro.

Nesses casos, o verbo em destaque é o núcleo do predicado no sintagma verbal.

A definição de Houaiss (2009) apresenta o verbo 'dar' funcionando como pleno, usando o seu próprio significado, como no exemplo:

(29) Dar o documento a um funcionário = entregá-lo, passá-lo às suas mãos.

2.3.5 O VERBO NA ESTRUTURA DE EXPRESSÃO FIXA

Ranchhod (1999, p.2) afirma que as divergências terminológicas e a ausência de critérios de análise adequados fazem com que as expressões fixas sejam consideradas como objetos linguísticos excepcionais, não integráveis na gramática das línguas, por não poderem ser objeto de regras gerais. A mesma Ranchhod (1999 p.2) define como esclarecedora a conceituação de Bechara (2001, p.603) para essas expressões, como segue: “Idiotismo ou expressão idiomática é toda a maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque com os princípios gerais da Gramática, é aceita no falar culto.”.

Acrescentado a essa definição, afirma que:

Apesar de as expressões fixas terem sido relegadas pelos estudos gramaticais e sintáticos para uma zona de indefinição, tem-se assistido ultimamente a um crescente interesse por esses objectos linguísticos ‘anómalos’, sobretudo na área do processamento das línguas naturais. É que as formas fixas, isto é, as sequências de elementos lexicais que não possuem as propriedades combinatórias que era suposto possuírem, são tão numerosas em qualquer tipo de texto, que não podem ser ignoradas. (RANCHHOD, 1999, p. 2).

As expressões fixas são também chamadas de “expressão cristalizada” ou “expressão idiomática”. A definição clássica de expressão cristalizada consiste no fato de que o seu significado global não poder ser calculado a partir do significado de seus componentes (GROSS, 1982). De fato, isso ocorre com bom número dessas expressões. Como, por exemplo, nas ocorrências:

- (30) Antônio deu as costas e saiu feito um doido.
 (31) Minha cabeça deu um nó com tantos problemas.
 (32) Tocar as partituras célebres é chover no molhado.
 (33) João não deu o ar da graça na festa

Nos casos apresentados, não é possível interpretarmos as expressões “*deu as costas*” e “*deu um nó*” de forma literal, assim como interpretar a expressão *chover no molhado* como tendo relação com chuva ou com umidade. Ou seja, a sequência *chover no molhado* não pode ser interpretada com base em seus componentes. No aspecto formal, não podemos modificar

essa sequência com sinônimos, por exemplo, '*chover no úmido*'. Outro exemplo dessa natureza pode se observar em

(34) *Deu zebra no jogo.*

Neste caso, o substantivo '*zebra*' deixa de designar um quadrúpede mamífero, passando a ser utilizado com um sentido metafórico indicando um resultado anormal, contrário às expectativas numa competição esportiva.

Diante disso, analisamos o comportamento referente à expressão fixa. No caso de deslocamento na frase teremos situação de inaceitabilidade como em:

(35) **A zebra, no jogo deu.*

(36) **No jogo, foi dado zebra.*

O mesmo ocorre quando temos a apassivação:

(37) **A zebra foi dada no jogo.*

Quando o verbo sofre variações de tempo, número e pessoa terá situações de aceitabilidade duvidosa como em:

(38) **Damos zebra no jogo?*

(39) *?Dá zebra no jogo?*

O termo *dar zebra* é compatível com os verbos auxiliares, mas não o é com o uso na primeira pessoa do plural.

2.4- O CONCEITO GERAL DE SUJEITO

Na análise desse tema, verificamos alguns dos vários conceitos de sujeito apresentados pela Gramática Normativa, até tratarmos dos aspectos particulares da estrutura **dar N₁ em N₂**. Nas abordagens da Gramática

Tradicional, encontramos vários autores que produzem diferentes definições de sujeito. Apresentamos aqui algumas como: sujeito é o “termo que exprime o ser de quem se diz alguma coisa” Kury (1997, pag.58). Câmara Júnior (1964, p.98) afirma que o sujeito é “o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração”.

Segundo Castilho (2010, p.298), o substantivo, o pronome e uma sentença substantiva podem exercer a função de um sujeito na oração. No Português Brasileiro, o sujeito ocupa habitualmente a posição anteposta ao verbo e, em menor número, a posição posposta. Na Gramática Tradicional, evidencia-se a chamada ordem direta, regular, lógica da oração, sendo a ordem inversa considerada como anômala ou irregular, figurada. Como vemos nos exemplos abaixo:

(40) *As crianças brincavam despreocupadas. (ordem direta)*

(41) *Despreocupadas, as crianças brincavam. (ordem direta)*

(42) *Brincavam despreocupadas as crianças. (ordem inversa)*

Analisando mais definições sobre o tema, apresentamos a proposta por Lima (2005, p 234-235) que apresenta o sujeito como um dos dois termos básicos da oração, sendo expresso por um substantivo, ou equivalente de substantivo. Em alguns casos, o substantivo apresenta-se sozinho e expressa o sujeito da oração como em:

(43) *Deus é perfeito.*

Em outros casos, o sujeito está acompanhado de outros elementos que especificam, caracterizam ou delimitam o seu sentido fundamental, sendo o substantivo o seu núcleo, como em

(44) *As aves brancas voavam.*

(45) *Os melhores alunos já estão de férias.*

Quando apresentar um núcleo, o sujeito será simples e, quando mais de um, será designado composto. Como exemplos, apresentamos:

(46) A riqueza lhe alegrava.

(47) A riqueza e a saúde lhe alegravam.

Além disso, segundo Lima (2005, pg. 235), o sujeito também pode ser classificado como determinado ou indeterminado. Determinado se puder ser identificável na oração e indeterminado se não puder ser especificado. Para se indeterminar o sujeito, a língua utiliza dois expedientes:

1) emprega o verbo na terceira pessoa do plural, sem referência anterior ao pronome *eles* ou *elas* e ao substantivo no plural ;

2) usa o verbo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, desde de que o verbo seja intransitivo, ou traga complemento preposicional. Como nos exemplos:

(48) Falaram mal daquela moça.

(49) Mataram a fome.

(50) Vive-se bem em Florianópolis.

(51) Precisa-se de professores.

Segundo Câmara Júnior (2002, pg. 228) o sujeito é termo da oração “que se articula com o predicado como determinante. [...]. É o tema, o destaque da comunicação que se faz no predicado, é o ponto de partida da enunciação linguística constituída pela oração”. Para ele, o conceito de sujeito indeterminado pode também ser denominado de ‘indiferenciado, pois faz referência a pessoas de maneira indistinta e ocorrerá no português com frases na 3ª pessoa do plural do verbo como em:

(52) Contam que a audiência foi tumultuada.;

(53) Dizem que amanhã ocorrerá a paralisação dos trabalhos.

Segundo Carvalho (2007, p.381- 382), o sujeito é: “(...) o termo sobre o qual se faz uma declaração, isto é, o ponto de partida de uma mensagem. Em outras palavras, o sujeito é o tema de um enunciado, o seu ponto de apoio.” O

seu núcleo, que é o seu componente básico, pode ser formado por um substantivo ou um pronome.

Há vários tipos de sujeito apresentado por esse autor, mas, objetivamente, trabalhamos com os elementos que julgamos importantes para melhor compreensão desse tema. Dentre as várias designações apresentadas por ele, temos a do sujeito indeterminado que é aquele que não possui um núcleo, isto é, o sujeito existe, mas é omitido (não há um núcleo expresso ou explícito) como em:

(54) Receberam o presidente do EUA.

(55) Pensou-se em construir aqui um edifício.

No caso de indeterminação do sujeito, utilizam-se os seguintes recursos:

a) O verbo na 3ª pessoa do plural:

(56) Consertaram o carro.

b) O emprego do verbo transitivo direto, transitivo ou de ligação na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*:

(57) Precisa-se de cozinheiros.

(58) Vive-se bem em Manaus.

Com base nas definições já apresentadas, deduz-se que os casos de sujeito determinado ou explícito podem ser definidos de forma oposta à definição de sujeito indeterminado. Como em:

(59) O novo restaurante precisa de cozinheiros.

(60) Maria vive bem em Manaus.

O conceito proposto por Azeredo (2008, p. 224) amplia a definição de sujeito ao afirmar que "(...) é um equívoco identificar o sujeito apenas como o 'agente do verbo' e objeto direto como 'paciente do verbo'; haja vista o que se

pode observar na comparação entre as formas ativa e passiva de uma oração, nas quais os termos podem ter a função sintática alterada”, conforme os exemplos abaixo:

(61) *Ele descascou o abacaxi.*

(62) *O abacaxi foi descascado por ele.*

Na análise do exemplo (62), temos o caso de um sujeito que muda para a voz passiva ocorrendo uma alteração sintática.

Parece-nos pouco preciso apresentar o sujeito como um termo sobre o qual se faz uma declaração. Essa definição é válida para a noção textual de tópico, que nem sempre corresponderá ao sujeito da oração.

No aspecto semântico, para Castilho (2010, p. 296), a propriedade mais comum atribuída ao sujeito é a da agentividade. Ela designa o constituinte sentencial cujo referente é responsável pela ação expressa no verbo. No aspecto sintático, o mesmo autor (Castilho, 2010, p. 289) define o sujeito como o constituinte possuidor das seguintes propriedades:

- (i) é expreso por um sintagma nominal;
- (ii) figura habitualmente antes do verbo;
- (iii) determina a concordância do verbo;
- (iv) é pronomínável;
- (v) pode ser elidido.

Segundo Perini (2010, p.110) o sujeito é, de modo geral, chamado de ‘função sintática’, designação que para o autor é inadequada. Ele representa relações do sintagma nominal com o verbo e que se mantém mesmo que haja variação na ordenação dos elementos na frase (SN e verbo). Dessas relações é que derivam os aspectos semânticos e formais observáveis, como o papel temático (agente /paciente), a posição do sintagma, entre outros.

Para o mesmo autor, o termo “sujeito” tem como função principal designar os seguintes fenômenos:

- a atribuição de papéis temáticos aos diversos SN's da oração;
- a concordância verbal;
- a distribuição dos itens .

Analisando os conceitos apresentados, percebemos que há diferenças entre os autores Perini (2010) e Azeredo (2008) quanto à definição de sujeito e quanto aos critérios para identificá-los.

Na intenção de identificar o sujeito da oração de forma mais eficaz, Perini (2010, p 108), apresenta uma regra mais detalhada e complexa que permite identificar o sujeito tendo por base a seguinte proposição: “O sujeito é um SN cuja pessoa e número sejam compatíveis com a pessoa e número indicado pelo sufixo da pessoa e número do verbo”. A partir desse conceito proposto, ele afirma que:

- se na oração só houver um SN nessas condições, esse SN é o sujeito;
- se houver mais de um SN, então o sujeito é o SN que precede imediatamente o verbo;
- se o SN em questão for um clítico (me, te, nos, se), ele não conta, e o sujeito é o SN precedente. Perini (2010, p.108)

Esse critério de identificação do sujeito pode levar a uma conclusão equivocada quanto à definição do sujeito, pois, em frases como:

Comeu uma manga.

Encontrou o João.

o critério levaria a afirmar que os complementos ocupem o papel de sujeito.

Segundo o mesmo autor, Perini (2008, p.112), a atribuição de papéis temáticos do sujeito depende em parte da classe valencial a que pertence o verbo, pois é possível que o sujeito de um mesmo verbo, de acordo com o contexto, seja agente ou paciente, dessa forma, cada verbo deve ser associado

a um conjunto de construções no qual ele pode ocorrer. O conjunto de todas as possibilidades de ocorrências desse verbo é chamado de valência.

A concordância, os clíticos e a posposição do SN em relação ao verbo são fenômenos gramaticais ligados ao sujeito. Além disso, o autor define o sujeito como um SN que ocupa determinada posição na oração e que recebe o mesmo papel temático indicado pelo sufixo de pessoa-número do verbo, como o exemplo:

(63) *Antônio empurrou a menina.*
 SN V SN
 [3ª p.sing.] [3ªp.sing.] [3ª p. sing.]

(64) *Os operários derrubaram as casas.*
 SN V SN
 [3ª p.plur.] [3ªp.plur.] [3ª p. plur.]

Nos casos de oração sem sujeito, Lima (2005, p. 235-236) os apresenta como aqueles em que a frase é destituída de um sujeito. Elas se referem ao processo verbal em si mesmo, sem ser atribuído a nenhum ser. O mesmo autor acrescenta que a oração sem sujeito é aquela na qual o sujeito não existe

(65) *Há muitos carros no pátio da loja.*

E a oração com sujeito indeterminado é aquela na qual o sujeito existe, mas não é possível fazer-lhe uma atribuição direta, como em:

(66) *Criticaram o seu trabalho na equipe de vendas.*

Para LIMA (2005, p.236), as orações sem sujeito são aquelas que denotam fenômenos da natureza (*choveu, trovejou ontem, anoitece tarde, etc.*) e as que têm os verbos haver, fazer, ser, empregados impessoalmente em construções como nos exemplos:

(67) *Há grandes músicos no Brasil.*

(68) *Fez ontem seis anos que se formou.*

(69) *Fazia muito frio.*

(70) *Hoje são 20 de outubro de 2010.*

Segundo Câmara Júnior (2002, p. 143), as orações sem sujeito são consideradas como “a propriedade de uma forma verbal, que, sendo núcleo do predicado, não se refere a nenhum sujeito explícito ou implícito”. Essa forma verbal denomina-se ‘impessoal’.

Para ele, a impessoalidade é a possibilidade da ausência de um sujeito como tema, ou ponto de partida, daquilo que se comunica no predicado. Segundo Regula (1951, p. 51), *apud* Câmara Júnior (1986, p.143), “pensamos por meio do predicado” e “o processo pode ser concebido em si mesmo”.

Segundo Câmara Júnior (2002, p. 143), no português, a impessoalidade segue três principais padrões sintáticos de oração impessoal, sendo o verbo invariável na 3ª pessoa do singular indicando a ausência desse elemento no contexto da frase. E acontecerá nos seguintes casos:

1) Nas orações com o verbo haver indicando existir:

(71) *Há vários alunos no pátio.*

2) Nas orações que expressam fenômenos atmosféricos :

(72) *Chove torrencialmente.*

3) Nas orações de verbo intransitivo na forma denominada pelo autor de *médio-passiva* (verbo na terceira pessoa do singular + partícula se) :

(73) *Vive-se bem em Vitória.*

Segundo Carvalho (2007, p. 382), a oração sem sujeito é definida como aquela cujo verbo é impessoal e que denota fenômenos da natureza ou dá ideia de tempo. Os verbos impessoais destacados são os seguintes: haver, fazer, ser e estar, além dos que indiquem fenômenos da natureza como choveu, ventou e etc, conforme:

- (74) *Está na hora de sairmos.*
 (75) *Fez frio na noite passada.*
 (76) *Faz cinco dias que ela viajou.*
 (77) *Há muitas pacientes na recepção do hospital.*

Em nossa análise, podemos avaliar que, de forma geral, as várias definições apresentadas pelos autores nas gramáticas normativas pesquisadas se aproximam quanto à definição do sujeito e suas características. E que há outros aspectos do sujeito que precisam de maior aprofundamento e descrição.

3. CONCORDÂNCIA DO VERBO COM O N₁

3.1 A CONCORDÂNCIA EM GERAL

A concordância verbal é uma relação entre o verbo e um SN que se estabelece em pessoa, gênero e número, como no exemplo abaixo:

- (78) *Nós vamos ao teatro.*

Na gramática tradicional, há várias definições para concordância, dentre elas, temos uma que a apresenta como sendo uma relação sintática na qual um termo impõe alterações formais a outro(s), resultando na adequação entre eles das marcas de pessoa, gênero, número e etc.

Segundo Câmara Junior (2002, p. 87), a concordância é um princípio pelo qual num sintagma, o vocábulo determinante se adapta a certas categorias gramaticais do determinado, ocorrendo assim, a concordância de gênero e número entre o adjetivo e o substantivo, como no exemplo:

- (79) *Bela casa;*
 (80) *Belas casas;*

O exemplo acima apresenta a adequação em gênero e número do adjetivo ao substantivo correspondente. Essa adequação é chamada de

concordância. Ela ocorre a partir de duas perspectivas: a nominal e a verbal. A nominal se dá entre o substantivo e os elementos que com ele se relacionam diretamente no contexto da frase elementar (adjetivo, artigo, numeral, etc.) e são percebidas nas marcas de gênero e número como em:

(81) Os alunos aprovados foram premiados.

(82) Os editores buscam o melhor texto.

(83) Três rapazes passaram no vestibular.

A concordância verbal pode ser entendida também como uma relação sintática que tem como categorias afetadas o número e a pessoa, conforme os exemplos abaixo:

(84) Tu comprarás o melhor. (2ª pessoa do sing.)

(85) Eles cantarão todas as músicas pedidas. (3ª pessoa do plural)

Analisar as relações de concordância entre o verbo e o seu complemento N_1 é relevante, pois permite ampliar o conhecimento linguístico sobre o tema. Ao que nos parece, construção apresenta-se como excepcional às regras gerais de concordância verbal, o que motiva essa pesquisa que visa ampliar as discussões a respeito do tema.

3.2- A HIPÓTESE INICIAL

Apresentados os aspectos gerais quanto à concordância verbal, frisamos as observações a respeito da construção **dar N_1 em N_2** , tendo como característica a ausência de um sujeito de qualquer tipo, inclusive o oculto. No caso particular dessa construção, encontramos em muitas situações a concordância entre o verbo e o seu complemento que ocorre pela chamada ‘concordância por atração’, na qual o verbo concorda com o elemento que está mais próximo. Assim teremos as seguintes situações:

(86) Deram formigas na mesa.

No caso da construção aqui estudada, 'dar N_1 em N_2 ', especificamente, não há um sujeito explícito e temos, em algumas situações, a possibilidade de concordância do verbo com o seu complemento direto. Como em:

(87) *Deu temporal aqui na minha cidade ontem, destelhou minha escola.*
(disponível em: <<http://terraria.com.br/forum/printthread.php?tid=2275&page=30>>. Acesso em 17 de abril 2012)

(88) *Na madrugada de ontem deram temporais e a cidade amanheceu alagada em diversos pontos. A chuva continuou, e agora esta garoando.*
(disponível em: <<http://www.abaixodezero.com/viewtopic.php?f=63&t=3612&start=0>>. Acesso em 17/04/2012)

A partir dessa característica apresentada, cabe aqui investigar se esse comportamento é um padrão nessa construção.

3.3- O VERBO CONCORDA COM O SUJEITO

A concordância verbal é uma relação em que um termo impõe alterações formais a outro(s), resultando numa adequação, entre eles, das marcas de pessoa, gênero, número, etc. Em regra geral, se o sujeito tiver um núcleo, o verbo concorda com ele em número e pessoa.

(89) *Os alunos da graduação vão ao teatro.*

No exemplo (89), o verbo, em 3ª pessoa plural, concorda com o sujeito da oração em gênero e número.

Segundo Lima (2005, p.388), de maneira geral, o fenômeno da concordância pode ser reduzido a algumas regras que são:

1) Havendo um só núcleo (sujeito simples), com ele concorda o verbo em pessoa e número:

(90) *Ele saiu da loja.*

(91) *Os pescadores puxaram a rede.*

2) Havendo mais de um núcleo (sujeito composto), o verbo vai para o plural e para a pessoa do discurso que tiver primazia, o que, na regra, é a 1ª pessoa que precede as outras em ordem crescente, como em :

(92) Maria e José saíram mais cedo do trabalho.

A regra básica apresentada pela gramática normativa sobre a concordância, já citada anteriormente, trata da obrigatoriedade do verbo em concordar com o núcleo do sujeito em número e pessoa.

3.4 O SUJEITO IMPESSOAL

A gramática tradicional trata dos casos de orações sem sujeito que, via de regra, são construídas sempre com os verbos chamados impessoais, isto é, aqueles que estão na 3ª pessoa do singular. São os seguintes:

- ‘Haver’ (no sentido de existir).
Ex.: Havia quadros na parede.
- ‘Fazer’, ‘passar’, ‘ser’ e ‘estar’ (com referência ao tempo).
Ex.: Faz dois anos que me formei.
- ‘Chover’, ‘ventar’, ‘nevar’, ‘gear’, ‘amanhecer’ e outros que expressam fenômenos climáticos.
Ex.: Chovia torrencialmente.

Diante dos elementos apresentados, nota-se que a gramática tradicional prevê diferentes possibilidades de concordância, que são antagônicas com a hipótese apresentada em 3.2, pois não permitem a realização da concordância entre um verbo e o seu complemento direto, como ocorre no exemplo abaixo:

(93) Deram temporais em Vitória.

O verbo ‘*deram*’ não pode concordar com o sujeito como em 3.3, pois não existe sujeito; tampouco pode concordar ao mesmo tempo com o nome

temporais e com a 3ª pessoa do singular como com os verbos impessoais, pois *temporais* está no plural.

Esse fato, considerando as normas gramaticais, é que chama a atenção para o uso desse tipo de construção.

Para a regra do verbo impessoal, estão previstas as exceções como os casos nos quais o verbo ‘*ser*’, excepcionalmente, deve concordar ~~em~~ **na** 3ª pessoa do plural; os casos específicos dos verbos ‘*dar*’, ‘*bater*’ e ‘*soar*’ indicando horas, nos quais o verbo deve concordar com o número que indica horas; e as orações nas quais o verbo ‘*ser*’ é impessoal e concordará com o predicativo. (CARVALHO, 2007, p. 410). Assim, temos como exemplos:

Exceção 1:

(94) *Eram 3 horas.*

(95) *São 18 de Março de 2010.*

Exceção 2:

(96) *Deram oito horas.*

(97) *Bateram seis horas no relógio da praça.*

(98) *Soaram três horas no relógio da praça.*

(99) *Que horas são?*

Exceção 3:

(100) *Hoje são dois de março.*

(101) *São dez horas da manhã.*

3.5 PROBLEMAS DE ACEITABILIDADE

Analisando os exemplos abaixo, verificamos que há situações nas quais há um certo nível de dúvida sobre a aceitabilidade, como em:

(102) *Obrigado grande pescador Fabricio! Ainda bem que por aqui só **deu formigas** neste fim de semana. (disponível em:<<http://www.pesca.de.praia.com/forum/viewtopic.php?f=6&t=4127>>. Acesso em 17 abril 2012).*

Percebemos que passando o verbo para o plural nesse exemplo atestado, obtemos uma forma de pouca aceitabilidade como em:

(103) ?*Ainda bem que por aqui só deram formigas neste fim de semana.*

(104) *Deu problemas na tradução.* (disponível em: <http://forum.sosinvision.com.br/index.php?show_topic=29283>. Acesso em 17 abril 2012).

(105) *Deram problemas na tradução.*

É possível perceber que o exemplo atestado, em relação ao exemplo construído, parece ter melhor aceitabilidade, apesar de não haver a concordância entre o verbo e o seu complemento.

Encontramos vários exemplos com verbo no singular e complemento no plural, como os já citados, e encontramos também alguns exemplos, que possuem o verbo no plural e o complemento no plural. Como nos exemplos:

(106) ?**Deram temporais a madrugada inteira e agora tem sol*

(107) ?**Deram problemas no tema.*

(108) ?**Deram confusões na festa da cidade.*

Esses exemplos são de pouca aceitabilidade, e os fatos apresentados enfraquecem a hipótese inicial.

3.6 A HIPERCORREÇÃO

Devemos considerar, nesta análise, a hipótese de ocorrência da hipercorreção.

No tratamento dos dados, cabe aqui fazer um registro a respeito da possibilidade de que, em alguns casos, nessa estrutura, haja a ocorrência do fenômeno psicolinguístico denominado 'hipercorreção' ou 'ultracorreção', ainda pouco estudado na gramática tradicional. Não conseguimos encontrar nenhuma menção desse fenômeno na gramática. Alguns falantes inseguros

quanto ao uso da norma padrão conjugariam o verbo no plural por analogia a outras formas de uso como acontece nos exemplos a seguir:

(109) *Haviam problemas na escola.*

(110) *Não tinham quem ajudassem.*

O falante, por analogia, aplica as regras de concordância em situações nas quais não são aplicáveis, criando esse tipo de enunciado.

1- <u>USO COMUM</u> <i>Apareceu clientes</i>	→	2- <u>CORREÇÃO</u> <i>Apareceram clientes</i>
3- <u>USO COMUM</u> <i>Deu goteiras</i>	→	4- <u>HIPERCORREÇÃO</u> <i>Deram goteiras</i>

No quadro acima, há a síntese do que ocorre no processo de hipercorreção. No quadro 1, temos a frase no contexto de uso comum contendo um erro de concordância; já no quadro 2, temos a mesma frase gramaticalmente correta. No quadro 3, apresenta-se a frase no seu uso comum e, no quadro 4, o falante aplica, por analogia, a regra de concordância de forma equivocada, caracterizando a hipercorreção.

Esse fenômeno tem caráter psicolinguístico e está relacionado à ideia de projeção/ascensão socioeconômica. Dubois (2002) define esse fenômeno como a busca exagerada pelo uso correto que se sobrepõe ao padrão normativo da língua. Para Bortoni-Ricardo (2004:28), é um fenômeno resultado de um erro que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma padrão.

Voltando para a construção em estudo, em algumas dessas realizações com concordância entre V plural e N₁plural, podemos propor a hipótese de que esse fenômeno ocorra por analogia com frases nas quais o sujeito plural está posposto ao verbo, como *Apareceu clientes*, que é corrigido para *Apareceram clientes*, o falante passaria o verbo *dar* para o plural a partir de:

(111) *Deu goteiras no teto.*

Produzindo:

(112) *Deram goteiras no teto.*

O uso dessa expressão pode gerar estranheza e dúvidas nos falantes quanto à sua aceitabilidade. A hipótese da hipercorreção pode explicar duas situações: 1- a existência das expressões com o verbo no plural, 2- as dúvidas quanto a aceitabilidade dessas formas, pois hipercorreções são fenômenos ocasionais, esporádicos.

Contudo, não é possível afirmar categoricamente que os exemplos citados são casos de hipercorreção. Não podemos responder a essa pergunta de forma contundente, pois seriam necessários estudos estatísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos que saem do escopo desta pesquisa.

3.7 - O VERBO NO SINGULAR E O N₁ PLURAL

Na construção em estudo, é possível também encontrar casos de discordância nas relações entre o verbo e o seu complemento, como nos exemplos abaixo:

(113) *Deu flores no jardim.*

(114) *Deu beija-flores na janela.*

(115) *Obrigado grande pescador Fabricio! Ainda bem que por aqui só **deu formigas** neste fim de semana. (disponível em:<<http://www.pesca.de.praia.com/forum/viewtopic.php?f=6&t=4127>>. Acesso em 17 abril 2012).*

Verificamos que, nessa construção, ao se ter um **N₁** no plural, sempre é possível ter o verbo singular. A respeito disso, não achamos nenhum contra-exemplo. Esse fato nos levou a abandonar completamente a hipótese

inicialmente proposta de concordância entre o verbo *dar* e o N_1 , apresentada neste capítulo.

4- O SUJEITO DA CONSTRUÇÃO *DAR N₁ em N₂*

Neste capítulo serão trabalhados exemplos da construção *dar N₁ em N₂*, extraídos do uso no cotidiano. Examinaremos três hipóteses sobre essa construção, sendo a primeira: o sujeito da construção é oculto; a segunda: a construção não possui um sujeito e a última hipótese: o sujeito da construção é o N_1 .

4.1 O SUJEITO DA CONSTRUÇÃO É OCULTO

Apresentado anteriormente, o conceito de sujeito oculto faz referência a um sujeito implícito, que não vem expresso na frase, mas que pode ser deduzido pelo falante por causa do contexto no qual está inserido. Discutiremos aqui exemplos de construções que apresentam características de uma oração com sujeito oculto, isto é, o sujeito do verbo '*dar*' existe, mas não está expresso na frase elementar.

É possível encontrar situações nas quais temos uma frase sem sujeito inclusive o que seja oculto. Uma frase com sujeito oculto sempre pode ser parafraseada com uma frase com o sujeito explícito como em:

(116) Justificativa é que, se antecipar qualquer informação, pode dar interferência na Bolsa de Valores de Nova York. (Disponível em: <http://edsonvarela.zip.net/arch/2012-02-19_2012-02-25.html>). Acesso em: 17 abril 2012.)

*(117) Justificativa é que, se antecipar qualquer informação, **isso** pode dar interferência na Bolsa de Valores de Nova York.*

A segunda frase que consta no exemplo acima é parafraseada e o sujeito que, anteriormente estava oculto, passa a ser explícito, claro. Contudo, muitas ocorrências dessa construção não têm a possibilidade de tornar explícito um sujeito oculto, como em:

(118) *Tá dando formiga no meu teclado. tem brigadeiro lá dentro e coca cola tbm.* (Disponível em: <<http://twitter.com/#!/Terradosempre/statuses/14313806360485888>>. Acesso em : 17 abril 2012.)

(119) **Ele** *tá dando formiga no meu teclado. Tem brigadeiro lá dentro e coca cola também.*

(120) **Isso** *tá dando formiga no meu teclado. Tem brigadeiro lá dentro e coca cola também.*

Nos exemplos apresentados (119 e 120), as frases iniciadas com o pronome não são equivalentes à frase atestada, porque se trata de um início de discurso que não está se referindo a alguém ou alguma coisa.

Essas construções que não têm sujeito oculto são justamente o assunto desta pesquisa. Com base nos exemplos apresentados, não podemos, portanto, analisá-las como tendo um sujeito oculto. Apresentamos outros exemplos do mesmo fenômeno:

(121) *Deu temporal ontem à noite em Rio Grande? Porque hoje meu pai praticamente me acordou pra ver se tava tudo bem.* (Disponível em: <<http://twitter.com/juliasignor/status/100932865973424128>>. Acesso em: 17 de abril 2012.)

(122) *Deu problema no Ubuntu.* (Disponível em: <http://www.vivaolinux.com.br/topico/Ubuntu-e-Kubuntu/Deu-Merd***-no-Ubuntu>. Acesso em: 17abril 20 12.)

Nos exemplos (121) e (122) é impossível reintroduzir na construção *dar N1 em N2* um sujeito que não estaria expresso na frase. Essa informação é depreendida através da leitura do contexto das frases. Os casos de frases com o sujeito oculto compõem um número pequeno de amostras.

4.2 A CONSTRUÇÃO NÃO TEM SUJEITO

No capítulo dois já apresentamos o conceito gramatical de uma oração sem sujeito. A partir dessa definição, apresentamos alguns exemplos que demonstram as ocorrências dessa estrutura, como em:

(123) **Deu goteira na reforma milionária** de Deucimar! Não obstante o fato de gastar R\$ 3 milhões nas polêmicas obras de reforma do prédio da Câmara Municipal, o presidente Deucimar Silva (PP), pelo jeito, não deu prioridade a um trabalho, por assim dizer, fundamental: o conserto do telhado. (Disponível em: <http://diario dacapital.blogspot.com.br/2010_05_05_archive.html>. Acesso em: 17 abril 2012.).

(124) *ta dando formiga no meu teclado. tem brigadeiro lá dentro e coca cola tbm.* (Disponível em: <<http://twitter.com/#!/Terradosempre/statuses/14313806360485888>>. Acesso em : 17 abril 2012.)

Os exemplos apresentados demonstram que não há, em nenhuma das frases, um sujeito explícito, nem oculto.

Acreditamos que esses casos aproximem-se da definição de oração sem sujeito, proposta por Lima (2005, p. 235) que a define como “aquela que é destituída de sujeito, referindo-se ao processo verbal em si mesmo sem ser atribuído a nenhum ser.” Outra forma de se referir a essa oração é dizer que ela possui um sujeito que é impessoal.

Como argumento, podemos apresentar o fato de estarem sempre na terceira pessoa do singular, como exemplo temos:

(125) *Deu goteira na reforma milionária de Deucimar.*

Muitas vezes, essa construção denota fenômenos da natureza como em:

(126) *Deu temporal em Vitória.*

(127) *Deu cupim na árvore.*

Da mesma forma, muitos verbos que indicam fenômenos da natureza são impessoais, como em:

(128) *Choveu ontem.*

Assim, parece-nos muito coerente essa hipótese. Com base nesses argumentos, nos exemplos apresentados e num grande número de ocorrências, é possível afirmar que a estrutura em questão pode se realizar sem a presença de um sujeito.

4.3 O SUJEITO DA CONSTRUÇÃO É O N_1

A posição ocupada pelo N_1 na frase elementar é quase sempre depois do verbo, enquanto que o sujeito em geral se posiciona antes do verbo e, quando depois, aceitará um deslocamento conforme os exemplos:

(129) *Deu problema no Ubuntu. (Disponível em: <http://www.vivaolinux.com.br/topico/Ubuntu-e-Kubuntu/Deu-Merd***-no-Ubuntu>. Acesso em 17 abril 2012.)*

(130) **Problema deu no Ubuntu.*

(131) *Caiu um toró aqui.*

(132) *Um toró caiu aqui*

Além disso, com base nos exemplos acima, o verbo no singular combina com o N_1 plural, enquanto que o verbo singular não combina com o sujeito plural, como se pode ver nos exemplos abaixo:

(133) **Eles saiu cedo.*

(134) *Comprei pisos e deu bolhas. (Disponível em: <http://www.reclameaqui.com.br/291440/ceramica-rochaforte-e-triunfo/comprei-pisos-e-deu-bolhas/>>. Acesso em : 17 abril 2012.)*

O verbo no plural não é muito comum com o N_1 no plural. A sua forma plural, de modo geral, combina com o sujeito plural, conforme os exemplos:

(135) *Eles saíram cedo.*

(136) *Comprei pisos e deram bolhas.*

Concluindo a análise nesse tópico, convém lembrar que esses exemplos não são muito numerosos. A hipótese de que o **N**₁ seja o sujeito da construção não é coerente com os fatos observáveis.

5. O CARÁTER LOCATIVO OU NÃO DO COMPLEMENTO **N**₂

O objetivo desse capítulo é investigar o papel do **N**₂ enquanto complemento verbal e avaliá-lo quanto ao seu caráter locativo. Sendo o **N**₂ um complemento indireto do verbo que está presente na estrutura *dar N*₁ *em N*₂, é importante nesse estudo descrevê-lo, pois o mesmo possui um papel e função relevantes nessa estrutura. Na análise do *corpus* é possível em muitas situações avaliá-lo como um complemento locativo conforme os exemplos:

(137) *Deu mofo no armário.*

(138) *Deu um temporal em Vitória.*

(139) *Deu gente no shopping.*

Nos exemplos (137 a 139) é fácil perceber que os termos destacados realizam o papel semântico de complemento locativo, isto é, estabelecem uma posição de algo/alguém em relação a um lugar.

Ao mesmo tempo encontramos em outras realizações a mesma estrutura exercendo a mesma função de complemento, em situação diversa, na qual não é possível atribuir ao **N**₂ um caráter locativo, conforme vemos nos exemplos abaixo:

(140) *Deu lucro nas vendas.*

(141) *Deu febre na menina.*

(142) *Deu névoa na madrugada.*

Diante dessas particularidades apresentadas pelo **N**₂, O estudo da função de complemento verbal que ele exerce é importante para a produção de uma melhor descrição sintática sobre o seu comportamento que ora apresenta-se como um complemento locativo, ora não. Apesar dos vários estudos

descritivos do Português Brasileiro, há poucos que descrevem o papel semântico de complemento locativo e seus aspectos sintático-semânticos no contexto da estrutura frasal.

Além disso, as gramáticas tradicionais com o seu caráter normativo apresentam pouca informação sobre os complementos locativos, e não conseguem definir critérios claros para a distinção desse complemento e para determinar se tal complemento é essencial na frase. Apenas apresentam o adverbio, ou o adjetivo com a função locativa, não aprofundando a discussão sobre o tema.

Neste trabalho cabe também investigar se o locativo enquanto complemento do verbo nessa estrutura tem o caráter circunstancial ou essencial. A gramática tradicional é superficial na distinção de complemento essencial e complemento circunstancial. Ao tratar do tema não o faz de forma precisa, visto que na prática, esse assunto é de difícil distinção, pois muitas vezes a informação apresentada por esses dois tipos de complemento parece a mesma.

O complemento essencial complementa o sentido de um elemento da estrutura básica da frase. A sua presença pode estar relacionada ao verbo e a sua regência (transitivo direto ou indireto). Trata-se de um complemento relacionado ao verbo em particular, considerando o contexto no qual ele está inserido. Essa noção de complemento essencial, também chamada de complemento valencial ou argumental por vários autores, vem sendo muito discutida em linguística geral nos 50 últimos anos.

Convém lembrar que muitos desses complementos apesar de serem essenciais podem também ser facultativos. O termo de "complemento essencial" é um termo técnico, no qual "essencial" não tem o sentido comum de "imprescindível". Por exemplo, nos pares de frases seguintes, um complemento essencial para a interpretação é ausente na primeira frase e presente na segunda. Apesar de ser ausente na primeira, ele é resgatado do contexto linguístico ou pragmático pelo interlocutor:

(143) A empresa ofereceu brindes.

(144) A empresa ofereceu brindes aos seus clientes. (compl. essencial facultativo)

(145) João votou.

(146) João votou no candidato preferido.

(147) O procedimento transforma o leite.

(148) O procedimento transforma o leite em queijo.

(149) João comeu.

(150) João comeu um prato de comida.

(151) Esse sapato machuca.

(152) Esse sapato machuca a pele do pé.

(153) João deduziu que o filho estava mentindo.

(154) João deduziu das contradições que o filho estava mentindo.

(155) João gritou.

(156) João gritou que precisava de ajuda.

(157) João substituiu o copo.

(158) João substituiu o copo por outro.

Apesar de facultativos, esses complementos são nitidamente complementos essenciais, pelos critérios geralmente utilizados. Já o complemento circunstancial, ao contrário, é o termo cuja forma e interpretação é a mesma com qualquer verbo como nos exemplos abaixo:

(159) Maria está no Rio com José.

(160) Ela toca vários instrumentos durante a apresentação.

(161) Caminhou na cidade.

(162) *Morou em Brasília com os tios.*

Usamos "complemento essencial" e "complemento circunstancial" como uma oposição entre dois tipos de complementos verbais.

Considerar esses elementos no estudo de um complemento locativo representa na prática

- a) investigar as suas propriedades;
- b) descrever o seu comportamento;
- c) avaliar a sua influência no contexto sintático-semântico;
- d) ampliar o conhecimento linguístico sobre essa estrutura;
- e) permitir a descrição das características encontradas numa tabela do Léxico-Gramática para fins computacionais.

5.1 O COMPLEMENTO COM VALOR LOCATIVO NAS GRAMÁTICAS

Segundo Houaiss (2009) o termo *locativo* faz referência a um papel temático que expressa localização ou a direção seguida por alguém ou algo como em:

(163) *O prato está sobre a mesa.*

(164) *Ela veio de Vitória.*

Borba (1996, p. 71) define as orações locativas como aquelas cujos complementos verbais são pertencentes a uma oração do tipo estativa, isto é, que expressam um estado e especificamente que têm como núcleo do seu predicado um adjetivo, ou um nome predicativo, possuindo um só argumento e cujo predicado vem introduzido por um verbo-suporte, geralmente o verbo *estar*. Segundo ele essas orações chamadas de locativas podem expressar uma relação estática de localização no espaço como em

(165) *A farmácia é/ fica na esquina.*

(166) *A noiva está no quarto.*

O termo complemento locativo também pode ser utilizado para o complemento que é precedido por uma preposição e que pode designar uma condição estática, isto é, sem possibilidade de alteração, mudança (orações do tipo estativas). Além disso, consta nas orações que expressam a noção de movimento/deslocamento em relação a uma posição, um lugar ou uma direção. A partir dessa conceituação, é possível destacar alguns exemplos de ocorrência de complementos locativos, como em:

(167) *O trem saiu da cidade.*

(168) *A fumaça saiu da panela.*

(169) *O protesto dos estudantes seguiu para o centro da cidade.*

Segundo Boons, Guillet, Leclère (1976) e Guillet, Leclère (1992), os complementos verbais de caráter locativo podem ser entendidos também como complemento circunstancial de um verbo indicando posição de algo, objeto ou pessoa, em relação a um lugar. Como nos exemplos

(170) *Detectou o vazamento ao lado da coluna.*

(171) *Comprou o chapéu perto do porto.*

Um critério simples e confiável para reconhecer os complementos circunstanciais locativos consiste em forjar o seguinte tipo de sequência, e verificar que ela tem o mesmo sentido da frase original:

(172) *Detectou o vazamento, e isso aconteceu ao lado da coluna.*

(173) *Comprou o chapéu, e isso aconteceu perto do porto.*

No caso de um complemento essencial locativo, a sequência forjada não conserva o sentido:

(174) **A fumaça saiu, e isso aconteceu da panela.*

(175) **O protesto dos estudantes seguiu, e isso aconteceu para o centro da cidade.*

Os complementos verbais locativos possuem um caráter estativo ou de movimento. A frase estativa denota uma condição na qual não há ação de mudança ou movimento de um elemento concreto e/ou humano em relação a um lugar.

(176) *Os livros de economia ficam no setor 4A da biblioteca.*
(estativo)

(177) *O aluno ficou na diretoria.* (estativo)

(178) *A combustão no motor libera CO₂ para a atmosfera.*
(movimento)

(179) *O navio saiu do porto.* (movimento)

Os complementos locativos possuem também um caráter circunstancial ou essencial. Cabe aqui apresentar uma distinção desses termos: o complemento circunstancial designa um complemento verbal que se relaciona com o verbo de forma acessória, isto é, um termo que se liga ao verbo a fim de lhe dar precisão de sentido. Constitui-se num complemento independente, que tem o valor de acrescentar informações (circunstâncias) ao contexto frasal. É realizado por sintagmas nominais (SN), sintagmas adverbiais (SADV), ou sintagmas preposicionais (SP), como nos exemplos a seguir:

(180) ***Esta manhã***, houve uma invasão na Líbia. (SN)

(181) O barco descia o rio ***lentamente***. (SADV)

(182) Pintamos os quadros ***com tinta da China***. (SP)

(183) Não foi ao show ***por falta de dinheiro***. (SP)

(184) Bateu a massa ***com a batedeira***. (SP)

Já os complementos essenciais designam aqueles que se constituem num elemento fundamental, diretamente relacionado ao verbo, pois desempenham um papel sintático e semântico importante para a correta apreensão de sentido da frase, conforme os exemplos:

(185) Moro ***em Vitória***.

(186) João gosta ***de cinema***.

O complemento da frase (185) é uma exigência semântica e sintática do verbo que, em sua regência, pede um complemento indireto, sendo, portanto, indispensável para o entendimento da frase. Na frase (186) obedecendo à regência do verbo *gostar*, que aqui recebeu um complemento indireto, temos a sua atuação como um complemento essencial, isto é, indispensável para a depreensão de sentido dessa frase inserida nesse contexto específico.

Comparando os exemplos anteriores com os próximos, temos:

(187) *Almocei ontem em Vitória.*

(188) **Em Vitória**, almocei ontem.

(189) *Almocei ontem.*

No grupo de exemplos (187, 188, 189) há uma situação diferente: o complemento verbal 'em Vitória', que designa um lugar, pode ser deslocado para outra posição ou até mesmo retirado do contexto da frase sem alterar o seu sentido principal. Essa possibilidade de deslocamento indica o caráter circunstancial desse complemento na frase. E, além desses aspectos, é possível que mesmo sendo um complemento essencial, ele possa ser facultativo numa frase como em:

(190) *Empurrou o irmão para a piscina = Empurrou o irmão*

(191) *Convenceu o irmão de que falou a verdade = Convenceu o irmão.*

Especificamente em relação à construção estudada, neste trabalho, e observando os critérios já apresentados para diferenciar o complemento essencial do circunstancial, é possível ao **N₂**, nesta construção, dependendo do contexto, funcionar como complemento circunstancial ou como complemento essencial, conforme os exemplos:

Complemento Circunstancial:

(192) *Deu ressaca no mar.*

(193) *Deu temporal em Vitória.*

(194) *Deu congestionamento na capital.*

Complemento Essencial:

- (195) *Deu febre na menina.*
- (196) *Deu interferência no celular.*
- (197) *Deu defeito na tv.*
- (198) *Deu espinha no rapaz.*

Para a análise do valor locativo de uma expressão, é preciso fazer uma avaliação que não se limite apenas aos critérios de intuição semântica. É extremamente importante ampliar os parâmetros utilizados para realizar uma avaliação mais exata, baseada num critério mais operatório, confiável e reprodutivo do que a simples intuição de lugar. A avaliação que substitui a intuição semântica leva em consideração, pelo menos, dois critérios:

1) substituir a preposição que antecede o locativo por outras preposições de mesmo valor :

- (199) *O seu carro está na garagem.*
- (200) *O seu carro está próximo à garagem.*
- (201) *O seu carro está fora da garagem.*
- (202) *O seu carro está do lado direito da garagem.*
- (203) *O seu carro está atrás da garagem.*

Nos exemplos (199 a 203) não há dúvidas quanto ao valor do complemento locativo. Para comprovar o funcionamento dessa avaliação, aplicamos o mesmo teste nos exemplos a seguir (204 a 206):

- (204) *Eu confio em você.*
- (205) **Eu confio próximo a você.*
- (206) **Eu confio fora de você.*

e verificamos que não são aceitáveis, justamente pelo fato de que os complementos não têm função de locativo. Essa substituição revelou que complemento **N₂** *em você* não tem valor locativo, nessa construção.

2) Utilizar a noção de frase suporte, que é aquela que descreve uma situação locativa elementar, e verificar a ideia de movimento/deslocamento que alguns verbos podem apresentar na frase.

A respeito dessa avaliação, Guillet e Leclère (1992) elaboraram um método que consiste em forjar duas frases locativas, sendo uma a negação da outra. O teste das frases suporte detecta os complementos essenciais locativos dinâmicos, dessa forma, é possível verificar com precisão o antes e o depois do processo. Ao adotar esse modelo de avaliação, confirma-se a sua reprodutibilidade, confiabilidade e precisão como nos exemplos:

(207) Ele guardou o carro na garagem.

(208) O carro não estava na garagem. (frase suporte (antes))

(209) O carro estava na garagem. (frase suporte (depois))

O uso da afirmação e da negação permite confirmar a ideia de lugar anterior e posterior, referente ao evento principal (frase 1). Em todas as frases, o complemento N₂, continua mantendo o seu valor locativo.

Aplicamos os mesmos critérios em um conjunto de frases diferentes da estrutura estudada, visando verificar a sua eficiência na distinção do valor locativo, conforme os exemplos:

(210) Ele carregou os móveis no caminhão.

(211) Ele abasteceu o caminhão com biodiesel.

(212) Ele abasteceu o caminhão com cuidado.

No exemplo (210), temos um complemento **N₂** com valor locativo, indicando uma mudança de lugar dos móveis. O exemplo (211) apresenta uma mudança de lugar do biodiesel, junto com uma mudança de estado do caminhão (de não abastecido para abastecido). Aplicando os critérios já apresentados para distinguir os locativos, temos:

Presença do complemento locativo na frase:

(213) *Ele abasteceu o caminhão com biodiesel*

(214) *O biodiesel não estava no caminhão. (antes)*

(215) *O biodiesel estava no caminhão. (depois)*

Ausência do complemento locativo na frase:

(216) *Ele abasteceu o caminhão com cuidado.*

(217) **O cuidado não estava no caminhão.*

(218) **O cuidado estava no caminhão.*

O teste das frases suportes confirma que um complemento tem um papel locativo. Antes de aplicar o teste, o descritor reconhece intuitivamente qual complemento é locativo e qual complemento se refere ao objeto situado em relação ao lugar. O teste confirma ou não essa intuição.

Apresentamos aqui outro teste a respeito dessa construção, conforme os exemplos abaixo:

N₂ com valor locativo:

(219) *Deu abelha no jardim. (Disponível em: <<http://www.linguistica.ufes.br/sites/www.linguistica.ufes.br/files/Enochtotal-short.pdf>>. Acesso em 17 abril 2012).*

O complemento indireto possui valor de locativo, pois se aplicarmos os critérios já mencionados, como a substituição da preposição por outras de valor semelhante teremos:

(220) *Deu abelha no jardim.*

(221) *Deu abelha próximo ao jardim.*

(222) *Deu abelha no lado sul do jardim.*

Nesses exemplos, de (220 a 222) temos como resultado do teste a comprovação de que o N₂ tem valor locativo.

Já no exemplo seguinte temos:

N₂ sem valor locativo:

(223) *Deu apagão no DUT eletrônico.*(Disponível em:<<http://busk.com/news/deu-apagao-no-dut-eletronico>>.Acesso em 17 abril 2012)

Aplicando o mesmo critério para distinção de um complemento locativo, fica claro que nesse caso (e em vários outros), o valor locativo não existe como em :

(224) *Deu apagão no DUT eletrônico.*

(225) **Deu apagão ao redor do DUT eletrônico.*

(226) **Deu apagão ao lado do DUT eletrônico*

No exemplo (224), não há no complemento N₂ o valor locativo, ainda que possua a mesma estrutura sintática do exemplo (220).

Continuando a análise da construção com complemento locativo temos os seguintes exemplos:

(227) *Deu mofo no armário*

(228) *O mofo não estava no armário. (antes)*

(229) *O mofo estava no armário. (depois)*

(230) *Deu formiga no bolo*

(231) *A formiga não estava no bolo. (antes)*

(232) *A formiga estava no bolo. (depois)*

Aplicando os testes nos exemplos (227 a 232) temos as frases que apontam a condição anterior e posterior ao evento principal, assim, fica evidente a ideia de movimento, o que confirma o valor locativo desse complemento.

Verifiquemos o teste aplicado a esse exemplo:

(233) *Deu temporal em Porto Alegre.*

(234) *O temporal não estava em Porto Alegre. (antes)*

(235) *O temporal não estava em Porto Alegre. (depois)*

Diferente dos casos anteriores, nos exemplos (234) e (235) as duas frases suporte negam a relação locativa entre *Porto Alegre* e o *temporal*, visto que, o *temporal* não permanece após o evento. Portanto, o resultado do teste é negativo e o complemento *Porto Alegre* não é caracterizado como complemento essencial dinâmico. Observando esse exemplo, temos como resultado que as expressões *dar formiga* e *dar temporal* possuem propriedades aspectuais diferentes.

Continuando a análise temos:

(236) *Deu abelha no jardim. (Disponível em: <<http://www.linguistica.ufes.br/sites/www.linguistica.ufes.br/files/Enochtotal-short.pdf>>. Acesso em 17 abril 2012).*

(237) *A abelha não estava no jardim.*

(238) *A abelha estava no jardim.*

A partir da análise dos exemplos (236 a 238), percebemos que na maioria das frases suporte apresentadas, é possível encontrar além do valor locativo, a ocorrência de um movimento de N_1 em relação a N_2 .

Além disso, nessa construção, é possível encontrar vários exemplos nos quais os complementos N_2 antecidos por preposição não apresentam valor locativo como nos casos abaixo:

(239) *Deu pane no computador. (complemento não locativo)*

(240) **Deu pane **ao lado do** computador.*

(241) **Deu pane **próximo ao** computador.*

Analisando o exemplo (239) com base nos critérios já estabelecidos, temos a ausência de valor locativo no complemento N_2 precedido por preposição. No exemplo (236) o complemento N_2 , também precedido por preposição, possui o valor locativo. Como já apresentamos no item ou capítulo cinco, o uso desses critérios confere mais precisão na definição do valor do complemento locativo. Com base nos exemplos de (219) a (241), concluímos que nas construções em estudo, há casos nos quais o complemento verbal N_2 tem valor locativo e outros em que não tem.

6 - CONCLUSÃO

Esta pesquisa apresentou um estudo sobre a construção *Dar N_1 em N_2 sem sujeito*, em uso na língua portuguesa e ainda não descrito nas gramáticas tradicionais. Nosso objetivo foi desenvolver um estudo descritivo das propriedades estruturais dessa construção, levando em conta os aspectos morfossintáticos e semânticos referentes à concordância entre o verbo e o seu complemento e entre o verbo e o complemento de valor locativo.

No estudo apresentado, podemos destacar como uma das características mais relevantes dessa construção o fato de que ela se realiza com a ausência de um sujeito correferencial, nem mesmo oculto como ocorre no exemplo, *deu pane no computador*. O N_1 é na, maioria dos casos, ocupado por um substantivo e o N_2 , corresponde a um complemento verbal com valor locativo, como em *deu formiga no bolo*. Mas, encontramos também em proporção menor, casos cujo complemento N_2 não possui o valor locativo, como em *deu lucro nas vendas*.

A construção *dar N_1 em N_2* nem sempre apresenta a propriedade de concordância entre o verbo e o seu complemento N_1 como no exemplo *deram gente na festa*. Na maioria dos casos, o complemento verbal N_2 tem valor locativo como em *deu gente no shopping*. Outro aspecto analisado a respeito dessa estrutura é a noção de complemento essencial e circunstancial.

Distinguir se o complemento N_2 é ou não essencial depende de critérios sintáticos formais.

Sobre a questão da concordância, nessa construção, encontramos vários aspectos que não são tratados pelas gramáticas. É possível encontrar casos de discordância entre o verbo e o seu complemento N_1 , como no exemplo *deram gente na festa*. Além disso, como já apresentado no capítulo 3, há a possibilidade de ocorrer alguns casos de hipercorreção. A concordância nessa construção pode, às vezes, gerar algumas situações de inaceitabilidade, por exemplo, *Deram panes no sistema*, ou de aceitabilidade duvidosa, quando temos o verbo no plural e o N_1 no plural, por exemplo, *Deram temporais a madrugada inteira e agora deu sol*.

O verbo *dar* nessa construção também se apresenta como um verbo-suporte como em *deu chuva em Brasília*, que corresponde a *choveu em Brasília*, visto que é possível o apagamento do verbo.

Encontramos também a ocorrência do verbo *dar* nessa estrutura se comportando como expressão fixa, a exemplo *deu zebra no jogo do campeonato brasileiro*, o que nos permite apresentar pelo menos duas restrições: a) a expressão não é aceitável com a estrutura de passiva como no exemplo **A zebra foi dada no jogo do campeonato brasileiro*, b) também não é aceitável com o verbo se flexionando em número e pessoa como no exemplo: **Deram zebra no jogo do campeonato brasileiro*. Essas restrições sintáticas confirmam a fixidez da estrutura *dar zebra*.

O estudo da construção *dar N₁ em N₂* é de grande importância para a descrição do léxico e para o ensino de língua portuguesa, considerando que essa construção não é tratada pela gramática tradicional nem pelos manuais didáticos, embora apresentem ocorrência e frequência de uso na língua. O modelo da gramática tradicional da língua portuguesa não descreve todas as situações de uso da língua. O seu aprimoramento, viria através da proposta de um modelo normativo que retratasse de forma mais dinâmica as

transformações na língua, e produzisse uma descrição mais aprofundada e abrangente, visando ampliar e aperfeiçoar o conhecimento linguístico.

As informações apresentadas são contribuições que podem ser ampliadas em pesquisas futuras, tendo em vista que julgamos relevante buscar e descrever as construções relacionadas com a estrutura *dar N₁ em N₂*, ampliando a descrição, trabalho que por falta de tempo hábil não foi possível realizar.

A tabela do Léxico-gramática presente nos anexos, apresentando o resultado das análises, indica quando há uma determinada propriedade com o sinal (+) e quando não há com o sinal (-). Essa tabela com as propriedades sintático-semânticas de cada item lexical representa um recurso linguístico de muita importância, que pode contribuir no processamento de linguagem natural em relação às construções lexicais do português. Essa compreensão reforça a necessidade de mais pesquisas investindo em descrições e formalizações de estruturas lexicais do português.

7- REFERÊNCIAS

ATHAYDE, M.F. **Construções com o verbo-suporte(Funktionsbrebgefüge) do Português e do Alemão**. Caderno n.1, Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos, Faculdade de Letras Universidade de Coimbra: 2001 p. 300-447.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2ª ed. SP. Publifolha. 2008.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2003.

BECHARA, Evanildo, **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ª edição, Revista e Ampliada, Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2001.

_____, Evanildo. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 1ª ed., Rio de Janeiro. Editora Lucerna, 2002.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus: histórico e problemática**. DELTA,SP,v. 16,n. 2, 2000.

BIDERMAN, Maria Tereza C. **O dicionário na contemporaneidade: arquitetura, método e técnicas**. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BOONS, Jean-Paul; Alain GUILLET, and Christian LECLÈRE. **La structure des phrases simples en français:Constructions intransitives**.Geneva, Switzerland:Droz. 1976.

BORBA, Francisco da Silva. **Teoria Sintática**. SP: EDUSP, 1979.

_____, Francisco da Silva. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____, Francisco da S. **Propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas do léxico**. Revista (com) textos linguísticos. Vitória – ES, n. 1 p. 55-68, 2007.

BORTONI – RICARDO. Stela Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo. Parábola Editorial, 2004.

CÂMARA JUNIOR, J. Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à Língua Portuguesa**. 23ª ed., Editora Vozes, RJ, 2002.

CARVALHO, José Augusto. **Gramática Superior da Língua Portuguesa**. Vitória, UFES, 2007.

CARVALHO, Raimunda Gomes. **Construções com o verbo dar no português brasileiro**. Artigo. Caderno de Pesquisa, UFMA, São Luís, v. 16, n. 2, abr./jul. 2009.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª ed.1ª Reimpressão. SP. Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 40ª ed. SP, Editora Nacional, 1997.

DAVEL, Alzira da Penha Costa. **Um estudo sobre o verbo-suporte na construção dar+SN**. Tese de mestrado, UFES, 2009.

DANTAS, Juliene do Nascimento. **Descrição morfossintático-semântica do verbo passar como verbo suporte**. Tese de Mestrado PPGEL/UFES 2011.

DUARTE, I. **Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras**. I: Mateus ET AL. Gramática da língua portuguesa. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.p.275-316.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de Linguística**, SP. Ed. Cultrix, 2002.

FARACO & MOURA, Carlos Emílio e Francisco Marto, **Gramática Nova**, 14ª ed., Editora Ática, SP. 2004.

GROSS, Maurice. Apresentação. In: BOONS, Jean-Paul; GUILLET, Alain; LECLÈRE, Christian. **La structure des phrases simples en français: constructions intransitives**. Genebra: Droz, 1976. p.7-52.

GROSS, Maurice. **Methods and tactics in the construction of a Lexicon – Grammar**. Linguistics in the Morning Calm2, Selected Papers. From SICOL, Seocel: Hanshin Publishing company 1986, p 177-197.

GUILLET, A. e LECLÈRE, Ch. **La structure des phrases simples en français: constructions transitives locatives**. Genève/Paris. Droz. 1992.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed.: Objetiva [2009]. 1 CD- ROM.

_____, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. **Análise sintática em três dimensões. Uma proposta pedagógica**, Franca, SP. Editora Ribeirão, p.134, 2001.

LAPORTE, E. **Exemplos atestados e exemplos construídos na prática do Léxico-Gramática**. Revista (Con)Textos Linguísticos / Programa de Pós-Graduação em Linguística. Mestrado em Estudos Linguísticos (PPGEL) Vitória – ES, n. 2 p. 26-51, 2008.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Estudo das construções com verbo-suporte em português falado**. Campinas, SP: UNICAMP: FAPESP, vol.6 1996.

_____, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. SP: Martins Fontes, 2001.

_____. **A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte**. BASÍLIO, Margarida; NEVES, Maria Helena de Moura (orgs.). Palavra nº 5: A delimitação das unidades lexicais. UNESP. São Paulo, 1999.

_____. **Estudo das construções com verbo-suporte em português**. Gramática do Português Falado. V. 6, Campinas: EDUNICAMP, 1996.

OTHERO, Gabriel de Ávila. **Linguística Computacional: uma breve introdução**. Artigo. Revista Letras de Hoje. PUCRS. Porto Alegre. v. 41, nº 2, p. 341-351, junho, 2006

PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. SP, Parábola Editorial, 2010.

QUENTAL, Violeta; DIAS, Maria Carmélia. **Tendências do processamento computacional do português**. Palavras. Departamento de Letras da PUC Rio 2004, p 7-12.

RANCHHOD. Elisabete M.O. "**Ambientes de processamento de corpora em português: Comparação entre dois sistemas**". In Irene Rodrigues & Paulo Quaresma (eds.), *Actas do IV Encontro para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa Escrita e Falada (PROPOR'99)* (Évora, 20-21 de Setembro de 1999).

_____, Elisabete M.O Lugar das Expressões 'Fixas' na Gramática do Português. In: CASTRO, Ivo e DUARTE, I. (orgs.), **Razões e Emoção. Miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mira Mateus**, pp. 239-254,

Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 2004.

REGULA, Moritz. **Grundlegung und Grundprobleme der Syntax**, Heidelberg. Carl Winter Universitätsverlag, 1951. 202 p.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da **Gramática normativa da língua portuguesa**. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

RODRIGUES, Carlos Roberto de Souza. **Descrição de Formalização de Verbos de Ação-Processo para Elaboração de Parser**. Dissertação de mestrado acadêmico. PPGEL/UFES, 2009.

SANTOS, Vangevaldo Cardoso dos. **Descrição de expressões fixas do português brasileiro para processamento automático de linguagem natural**. Tese de Mestrado. PPGEL- UFES, 2011.

SAETRE, R. **Natural Language Understanding (NLU) – Automatic Information Extraction (IE) from Biomedical Texts**. 2003.

SILVA, H. M. F. **Verbo suporte e expressões cristalizadas: um enfoque sintático- semântico e discursivo**. RJ. Tese de doutorado, UERJ. 2006

SCHERRE, A. P. **As construções com o verbo Leve Dar e Nominalizações sem -ada no Português do Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). UNICAMP, Campinas, São Paulo, 2004.

SMARSARO, A. **Descrição e Formalização de palavras compostas do português do Brasil para a elaboração de um dicionário eletrônico**. 2004. 154 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2004.

SMARSARO, A. D; ROCHA, L. H. P. **O uso do verbo dar no jogo da linguagem**. Revista (Con)Textos Linguísticos / Programa de Pós-Graduação em Linguística. Mestrado em Estudos Linguísticos (PPGEL), UFES, nº 5, ES, 2011.

VALE, Oto Araújo. 1999. **Expressões cristalizadas: transparência e opacidade**. Signótica, Goiânia, v. 11, p. 163-172, 1999

_____, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia**. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho - Campus de Araraquara, São Paulo, 2001.

VIEIRA, R.; LIMA, V. L. S. **Linguística computacional: princípios e aplicações**. In: IX Escola de Informática da SBC-Sul. Luciana Nedel (Ed.) Passo Fundo, Maringá, São José. SBC-Sul, 2001.

_____, R. **Linguística computacional: fazendo uso do conhecimento da língua**. Entrelinhas, ano 2, n.4, São Leopoldo, 2002.

8 ANEXOS

ANEXOS

TABELA 1	
NÚMERO DE OCORRÊNCIAS DA CONSTRUÇÃO	
SUBSTANTIVOS	OCORRENCIAS
Deu problema	573.000
Deu dor	77.200
Deu lucro	36.300
Deu gente	19.300
Deu briga	18.200
Deu febre	16.000
Deu apagão	13.000
Deu confusão	12.700
Deu praga	10.400
Deu bolha	6.420
Deu interferência	5.660
Deu Formiga	4.430
Deu beija-flor	3840
Deu banana	3.220
Deu piolho	1.270
Deu temporal	1000
Deu tumulto	511
Deu trovão	386
Deu pulga	374
Deu goteira	357
Deu broca	340
Deu congestionamento	322
Deu vendaval	198
Deu abelha	116
Deu neblina	70

Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 16 de abril 2012.

TABELA 2- N1 SUBSTANTIVO					
Substantivo	Ocorrências	continua1			
		deu N:p	deram N:p	N:p deram	N:s deu
Deu Formiga	4.430	79	2	664	1.160
Deu Formigas	79				
Deram formigas	2				
Formigas deram	664				
Formiga deu	1.160				
Deu banana	3.220	488	170	171	4.220
Deu bananas	488				
Deram bananas	170				
Bananas deram	171				
Banana deu	4.220				
Deu temporal	1000	1	1	598	2370
Deu temporais	1				
Deram temporais	1				
Temporais deram	598				
Temporal deu	2.370				
Deu beija-flor	3840	0	0	79	505
Deu beija-flores	0				
Deram beija-flores	0				
Beija-flores deram	79				
Beija-flor deu	505				
Deu interferência	5.660	9	2	8	381
Deu interferências	9				
Deram interferências	2				
Interferências deram	8				
Interferência deu	381				
Deu febre	16.000	47	4	4	2.710
Deu febres	47				
Deram febres	4				
Febres deram	4				
Febre deu	2.710				

TABELA 2- N1 SUBSTANTIVO					
continuação 2					
Substantivo	Ocorrências	deu N:p	deram N:p	N:p deram	N:s deu
Deu lucro	36.300	5.530	3.140	298	3.270
Deu lucros	5.530				
Deram lucros	3.140				
Lucros deram	298				
Lucro deu	3.270				
Deu problema	573.000	161.000	37.000	5.370	17.800
Deu problemas	161.000				
Deram problemas	37.000				
Problemas deram	5.370				
Problema deu	17.800				
Deu piolho	1.270	6	5	31	243
Deu piolhos	6				
Deram piolhos	5				
Piolhos deram	31				
Piolho deu	243				
Deu mancha	385	291	9	81	1.560
Deu manchas	291				
Deram manchas	9				
Manchas deram	81				
Mancha deu	1.560				
Deu broca	340	8	7	4	269
Deu brocas	8				
Deram brocas	7				
Brocas deram	4				
Broca deu	269				
Deu dor	77.200	14.700	1.190	1.070	8.910
Deu dores	14.700				
Deram dores	1.190				
Dores deram	1.070				
Dor deu	8.910				
Deu névoa	5	1	0	6	1.170
Deu névoas	1				
Deram névoas	0				
Névoas deram	6				
Névoa deu	1.170				
Deu confusão	12.700	172	8	88	5.550
Deu confusões	172				
Deram confusões	8				
Confusão deu	88				
Confusões deram	5.550				

TABELA 2- N1 SUBSTANTIVO					
continuação 3					
Substantivo	Ocorrências	deu N:p	deram N:p	N:p deram	N:s deu
Deu gente	19.300	37	2	71	105.000
Deu gentes	37				
Deram gentes	2				
Gentes deram	71				
Gente deu	105.000				
Deu ressaca	1.690	3	5	3	2.950
Deu ressacas	3				
Deram ressacas	5				
Ressacas deram	3				
Ressaca deu	2.950				
Deu neblina	70	0	0	1	2.550
Deu neblinas	0				
Deram neblinas	0				
Neblinas deram	1				
Neblina deu	2.550				
Deu pulga	374	18	0	73	1.210
Deu pulgas	18				
Deram pulgas	0				
Pulgas deram	73				
Pulga deu	1.210				
Deu bolha	6.420	1.990	253	293	724
Deu bolhas	1.990				
Deram bolhas	253				
Bolhas deram	293				
Bolha deu	724				
Deu cupim	10.100	8	0	70	192
Deu cupins	8				
Deram cupins	0				
Cupins deram	70				
Cupim deu	192				
Deu praga	10.400	37	4	115	1.630
Deu pragas	37				
Deram pragas	4				
Pragas deram	115				
Praga deu	1.630				
Deu goteira	357	8	0	24	42
Deu goteiras	8				
Deram goteiras	0				
Goteiras deram	24				
Goteira deu	42				

TABELA 2- N1 SUBSTANTIVO					
Substantivo	Ocorrências	conclusão			
		deu N:p	deram N:p	N:p deram	N:s deu
Deu briga	18.200	420	63	450	6.300
Deu brigas	420				
Deram brigas	63				
Brigas deram	450				
Briga deu	6.300				
Deu apagão	13.000	74	4	8	1.830
Deu apagões	74				
Deram apagões	4				
Apagões deram	8				
Apagão deu	1.830				
Deu trovão	386	17.100	1	8.050	1.470
Deu trovões	17.100				
Deram trovões	1				
Trovões deram	8.050				
Trovão deu	1.470				
Deu abelha	116	9	3	284	1.290
Deu abelhas	9				
Deram abelhas	3				
Abelhas deram	284				
Abelha deu	1.290				
Deu tumulto	511	5	4	51	412
Deu tumultos	5				
Deram tumultos	4				
Tumultos deram	51				
Tumulto deu	412				
Deu congestionamento	322	2	0	6	57
Deu congestionamentos	2				
Deram congestionamentos	0				
Congestionamentos deram	6				
Congestionamento deu	57				
Deu vendaval	198	0	0	3	179
Deu vendavais	0				
Deram vendavais	0				
Vendavais deram	3				
Vendaval deu	179				

Fonte: www.google.com.br. Acesso em: 17 de abril 2012.

Legenda: **deu N:p** – construções com o verbo no passado singular anteposto ao N₁; **deram N:p** – construções com o verbo no passado plural anteposto ao N₁; **N:p deram** – construções com o verbo passado no plural posposto ao N₁; **N:s deu** – construções com o verbo passado no singular posposto ao N₁.

TABELA 4 LÉXICO-GRAMÁTICA (continua 1)

Entrada lexical - n ₁	Locativo	Verbo expressão fixa	N1 animais	N1 fenômenos climáticos	N2=: nhum	N2=: nconc	N2=: nabs	EXEMPLOS
febre	-	-	-	-	+	+	-	Deu febre na menina
Interferência	-	-	-	-	-	+	-	Deu interferência no celular
defeito	-	-	-	-	-	+	-	Deu defeito na tv
lucro	-	-	-	-	-	+	-	Deu lucro nas vendas
problema	-	-	-	-	-	+	-	Deu problema no carro
piolho	+	-	+	-	+	+	-	Deu piolho no menino
pane	-	-	-	-	-	+	-	Deu pane no computador
bicho	-	-	+	-	-	+	-	Deu bicho na goiaba
mancha	-	-	-	-	-	+	-	Deu mancha na roupa
broca	-	-	-	-	-	+	-	Deu broca no café
dor	-	-	-	-	+	+	-	Deu dor no dente
névoa	-	-	-	+	-	+	-	Deu névoa na madrugada
banana	+	-	-	-	-	+	-	Deu banana no sítio
mofo	+	-	-	-	-	+	-	Deu mofo no armário
confusão	+	-	-	-	+	+	-	Deu confusão na festa
gente	+	-	-	-	+	+	-	Deu gente no shopping
ressaca	+	-	-	+	-	+	-	Deu ressaca no mar

TABELA 4 LÉXICO-GRAMÁTICA (conclusão)

Entrada lexical – n1	Locativo	Verbo expressão fixa	N1 animais	N1 fenômenos climáticos	N2=: nhum	N2=: nconc	N2=: nabs	Exemplos
neblina	+	-	-	+	-	+	-	Deu neblina na estrada
pulga	+	-	+	-	-	+	-	Deu pulga no cachorro
formiga	+	-	+	-	-	+	-	Deu formiga no bolo
bolha	-	-	-	-	-	+	-	Deu bolha na pintura
cupim	+	-	+	-	-	+	-	Deu cupim na mesa
temporal	+	-	-	+	-	+	-	Deu um temporal em Vitória
praga	+	-	-	-	-	+	-	Deu praga na plantação
goteira	+	-	-	-	-	+	-	Deu goteira no teto
briga	+	-	-	-	+	+	-	Deu briga no jogo
apagão	+	-	-	-	-	+	-	Deu apagão na cidade
beija-flor	+	-	+	-	-	+	-	Deu beija-flor na janela
trovão	+	-	-	+	-	+	-	Deu trovão no litoral
abelhas	+	-	+	-	-	+	-	Deu abelha no jardim
morcego	+	-	+	-	-	+	-	Deu morcego no telhado
tumulto	+	-	-	-	+	+	-	Deu tumulto na festa
congestio- namento	+	-	-	-	-	+	-	Deu congestionamento na festa
espinha	+	-	-	-	+	+	-	Deu espinha no rosto
vendaval	+	-	-	+	-	+	-	Deu um vendaval em Salvador
tempesta- de	+	-	-	+	-	+	-	Deu uma tempestade na cidade
zebra	-	+	-	-	-	-	+	Deu zebra no jogo da seleção